

Hugo Miguel Jacinto Domingues



PREVALÊNCIA E CARACTERIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA
EM CASAS DE GAYS, LÉSBICAS E BISSEXUAIS

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2015

Hugo Miguel Jacinto Domingues



PREVALÊNCIA E CARACTERIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA
EM CASAS DE GAYS, LÉSBICAS E BISSEXUAIS

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2015

Hugo Miguel Jacinto Domingues

Assinatura: _____

PREVALÊNCIA E CARACTERIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA
EM CASAS DE GAYS, LÉSBICAS E BISEXUAIS

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de mestre em Psicologia Jurídica, sob orientação da Prof.^a Doutora Ana Sani e da Prof.^a Doutora Cristina Soeiro (Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz).

Resumo

A literatura existente acerca da violência entre parceiros íntimos é vasta, contudo escassa quando ao fenômeno entre parceiros íntimos do mesmo sexo tanto a nível internacional como nacional. Deste modo, o presente trabalho, teve como finalidade estudar a prevalência da violência e as características associadas ao fenômeno da violência nos casais de *gays*, lésbicas e bissexuais, tanto no papel de vítimas como de perpetradores, nas relações passadas e presentes, comparando os grupos entre si. Assim sendo, foi recolhida uma amostra *online* de 74 participantes que se autopercecionaram como sendo *gays*, lésbicas ou bissexuais. Os *gays* tinham uma idade compreendida entre 19 e 85 anos ($M=29.88$; $DP= 12.38$), as lésbicas entre 21 e 52 anos ($M=32.36$; $DP= 10.32$) e os bissexuais entre 20 e 39 anos ($M=25.18$; $DP= 6.27$).

O instrumento utilizado foi o questionário “Violence and Abuse in Same-Sex Relationships” (Noret & Richards, 2003; tradução efetuada por Domingues, Sani & Soeiro, 2014), através do qual os dados obtidos foram sujeitos a tratamento estatístico, no sentido de dar resposta aos objetivos estabelecidos.

Os principais resultados mostram congruência com o que outros estudos internacionais e nacionais têm revelado, ou seja, que a violência no seio dos relacionamentos *gays*, lésbicos e bissexuais, existe e merece um olhar mais atento no que respeita ao seu combate. Os três grupos revelaram prevalências semelhantes em todas as dimensões analisadas, sendo o tipo de violência mais comum, tanto recebida como praticada, é a violência psicológica/emocional. Curiosamente o comportamento de *outing*, conduta específica a este tipo de população, foi dos tipos de violência menos referida.

Assim esta é uma população que não deve ser esquecida e com a qual se deve trabalhar promovendo políticas de intervenção e prevenção acerca do fenómeno de violência, derrubando os obstáculos encontrados por esta à revelação da problemática.

Palavras-chave: violência, casais de *gays*, lésbicas e bissexuais

Abstract

The existing literature on intimate partner violence is vast, yet scarce about phenomenon of same sex intimate partner. Thus, this work aimed to study the prevalence of violence and violent dynamics in gay couples, lesbians and bisexuals, both in the role of victims and perpetrators in the past and present relationships, comparing the groups with each other. It was taken an online sample of 74 participants who self-perception as being gay, lesbian or bisexual. Gays were aged between 19 and 85 years ($M= 29.88$, $SD= 12:38$), lesbians between 21 and 52 years ($M= 32.36$, $SD= 10:32$) and bisexuals between 20 and 39 years ($M= 25.18$; $DP = 6.27$).

The instrument used was the questionnaire "Violence and Abuse in Same-Sex Relationships" (Noret & Richards, 2003; translation made by Domingues, Sani & Soeiro, 2014), in which after a literature review about the implicit concepts, we proceeded to statistical analysis in order to meet the stated objectives.

The main results show consistency with international and national studies have revealed, namely that violence within relationships of gays, lesbians and bisexuals exists and worrying rates. The three groups showed similar prevalence in all analyzed dimensions, being the most common type of violence, both received as practiced, psychological/emotional. Interestingly outing behavior, conduct specific to this type of population, was the type of violence least mentioned.

So this is a population that should not be overlooked and which should work promoting intervention and prevention policies about the phenomenon of violence, knocking obstacles encountered by the revelation of this problem.

Keywords: violence, gay, lesbian and bisexual couples

Agradecimentos

Finalmente! Após tantas dificuldades, noites e dias passados fechado em casa, ganho de cabelos brancos, e após tanta vontade de desistir desta fase que coincidiu com uma outra que me foi muito difícil, chegou ao fim! Trabalhei muito, esforce-me bastante para aqui chegar, e agora sinto um peso enorme a sair de cima de mim!

Em primeiro lugar agradecer às professoras Ana Sani e Cristina Soeiro pelo empenho, pelos esclarecimentos, pela disponibilidade, compreensão, preocupação e pelas suas orientações para que este trabalho chegasse a bom porto.

A todos os participantes que responderam ao meu questionário e a todas entidades/associações que colaboraram e o divulgaram, tornando possível que este estudo se tivesse realizado.

A todos os meus colegas de luta que me acompanharam nesta batalha, em especial ao João Ferro e Ana Isabel Lopes.

À minha mãe, irmãs e sobrinha que tão especiais me são, muito obrigado por tanto me aturaram e em simultâneo um pedido de desculpas por tão ausente ter estado.

Por último, mas não menos importante, um especial obrigado à minha cara-metade, à minha Filipa. Muito tenho que te agradecer, pelo apoio, pelo carinho, paciência e horas/dias de ausência, que me deixou sem tempo para nós. Tu que nunca me deixas-te desistir nem nos momentos de maior dificuldade e maior desespero da minha parte. Obrigado por tudo, obrigado por estares comigo. Amo-te!

Muito obrigado a todos!

Índice

Resumo	V
Abstract	VI
Agradecimentos	VII
Índice de Tabelas	X
Introdução	1

I – Enquadramento Teórico

Capítulo I - Violência nas Relações Íntimas – Heterossexuais vs Homossexuais

1.1. Definição de conceitos	5
1.2. Prevalência do fenómeno	10
1.2.1. Estudos constituídos por amostras de homossexuais	14
1.2.2. Estudos constituídos por amostras de <i>gays</i>	17
1.2.3. Estudos constituídos por amostras de lésbicas	19
1.2.4. Estudos nacionais	20
1.3. Semelhanças, dissemelhanças e especificidades	21

Capítulo II - Barreiras Legais e Não-Legais Incubadoras do Fenómeno

2.1. Os motivos que levam a vítima a permanecer na relação	30
2.2. Mitos em torno da problemática	35
2.3. Obstáculos encontrados no sistema de justiça	39
2.4. Obstáculos encontrados nos serviços de saúde/especializados	42

II – Estudo Empírico

Capítulo III - Prevalência e Caracterização da Violência em Casais de *Gays*, *Lésbicas* e

Bissexuais

3.1. Objetivos do estudo	44
3.2. Método	44
3.2.1. Participantes	45
3.2.2. Instrumento	48
3.2.3. Procedimento	48
3.3. Análise de dados	49
3.3.1. Prevalência da violência	62
3.3.1.1. Comportamentos de vitimação	62
3.3.1.2. Comportamentos de perpetração	56
3.3.2. Caracterização das dinâmicas violentas dos casais	59
3.3.2.1. Comportamentos de vitimação	59
3.3.2.2. Comportamentos de perpetração	70
3.4. Discussão dos resultados	73
3.5. Conclusão	80
Referências Bibliográficas	84
Anexos	92
Questionário “Violência e Abuso em Relações do Mesmo Sexo”	93

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caracterização da média e desvio padrão da idade e tempo de relacionamento dos participantes	47
Tabela 2. Caraterização dos dados sociodemográficos dos participantes	47
Tabela 3. Frequência dos atos de violência física de que foi vítima	51
Tabela 4. Frequência dos atos de violência sexual de que foi vítima	52
Tabela 5. Frequência dos atos de violência socioeconómica de que foi vítima	53
Tabela 6. Frequência do comportamento de <i>outing</i> de que foi vítima	54
Tabela 7. Frequência dos atos de violência psicológica/emocional de que foi vítima	55
Tabela 8. Frequência das condutas abusivas de que foi vítima	56
Tabela 9. Frequência dos atos de violência física praticados	57
Tabela 10. Frequência dos atos de violência sexual praticados	58
Tabela 11. Frequência dos atos de violência socioeconómica praticados	59
Tabela 12. Frequência do comportamento <i>outing</i> praticado	60
Tabela 13. Frequência dos atos de violência psicológica/emocional praticados	61
Tabela 14. Frequência das condutas abusivas praticadas	60
Tabela 15. Experiência de relação íntima abusiva	62
Tabela 16. Perceção de medo na relação	63
Tabela 17. Duração da relação abusiva	63
Tabela 18. Término da relação em resultado dos abusos	64
Tabela 19. Duração da relação e início das condutas abusivas	64
Tabela 20. Procura de ajuda por parte da vítima	65
Tabela 21. Impacto da separação na paragem ou manutenção dos comportamentos abusivos	66

Tabela 22. Comportamento de retaliação	66
Tabela 23. Reação do agressor após a conduta violenta	67
Tabela 24. Ferimentos experienciados em resultado dos abusos	67
Tabela 25. Motivos porque não procuraram ajuda profissional	68
Tabela 26. Consequências resultantes das condutas abusivas de que foi vítima	69
Tabela 27. Recurso a serviços de apoio: explicações para o facto de não recorrer aos mesmos	69
Tabela 28. Comportamentos de perpetração e suas consequências	70
Tabela 29. Consequências para o próprio em resultado das suas condutas abusivas	71
Tabela 30. Procura de ajuda em virtude do seu comportamento violento	71
Tabela 31. Motivos da não procura de ajuda profissional para o seu comportamento	72
Tabela 32. Consumo de álcool/drogas antes do ato abusivo	72

Introdução

A problemática da violência doméstica e da violência nas relações íntimas não é algo recente ou um tema de todo novo hoje em dia. Este é um fenómeno identificado e estudado desde os anos 60 no Reino Unido (Hester & Donovan, 2009; Hester, Donovan & Fahmy, 2010) e anos 70 nos Estados Unidos da América (Burke & Follingstad, 1999), em ambos os casos, em grande parte, devido ao movimento feminino. Já no contexto português, só a partir dos anos 90 se tornou alvo de maior consciencialização (Antunes & Machado, 2005).

Como estes fenómenos possuem implicações a vários níveis, nomeadamente, individual, social e familiar (Costa, Vieira, Santos, & Santos n.d.; Madera & Toro-alfonso, 2005; Peterman & Dixon, 2003; Walters, 2011), tornaram-se uma prioridade na investigação e intervenção (Finneran & Stephenson, 2013). Observe-se por exemplo, que a temática da violência doméstica é alvo das políticas de intervenção do governo (atualmente em vigor o V Plano Nacional de Prevenção e Combate à Violência Doméstica e de Género, 2014-2017) e foco de grande atenção dos meios de comunicação social, que constantemente anunciam as taxas assustadoras das queixas-crime que, em casos mais extremos, resulta na morte da vítima.

A maioria da investigação produzida focaliza-se na população heterossexual, em que a mulher costuma ser a vítima e o homem o agressor (Richards, Noret, & Rivers, 2003), ou seja, na literatura e nos media, a mais comum representação da violência entre parceiros íntimos envolve um homem agressor e uma mulher vítima ou sobrevivente (Murray, Mobley, Buford, & Seaman-DeJohn, 2006/2007). Contudo, este fenómeno não discrimina géneros, religiões, educações, áreas geográficas, orientações sexuais (Hellmuth, Follansbee, Moore, & Stuart, 2008; Rohrbaugh, 2006; Williamson, 2012) ou mesmo classes sociais (Costa et al., n.d.), isto é, apesar da violência doméstica ser tipicamente percebida como algo que ocorre nas relações heterossexuais, não é exclusivo às mesmas (Kay & Jeffries, 2010; Lockhart, White, Causby, & Isaac, 1994; Matte & Lafontaine, 2011; Murray et al., 2006/2007) já que é um

fenómeno também prevalente nas relações de gays e lésbicas (Banks & Fedewa, 2012; National Coalition of Anti-Violence Programs Programs [NCAVP], 2013).

Quanto à investigação desta problemática entre pessoas do mesmo sexo, esta é muito mais recente (Burke & Follingstad, 1999; Hester & Donovan, 2009; Hester et al., 2010; Murray & Mobley, 2009; Oringher & Samuelson, 2011; Richards et al., 2003; Rohrbaugh, 2006), relativamente pouco estudada (Chan, 2004; Richards et al., 2003) e pouco compreendida (McKenry, Serovich, Mason, & Mosack, 2006; Stanley, Bartholomew, Taylor, Oram, & Landolt, 2006). Além de que a problemática da violência entre pessoas do mesmo sexo quando é alvo de investigação, esta não se encontra disponível facilmente ao público em geral (Rohrbaugh, 2006), pelo que se trata de um fenómeno do qual existe pouca pesquisa de fácil acesso (Younglove, Kerr, & Vitello, 2002). Apenas nos anos 80 e 90 se iniciou a discussão sobre a temática da violência doméstica entre pessoas do mesmo sexo (Hester & Donovan, 2009), com maior enfoque nas relações lésbicas do que nas relações *gay* (Hester & Donovan, 2009; Kuehnle & Sullivan, 2003; Nunan, 2004; Ristock, 2003; Turell, 2000; Younglove et al., 2002). No caso das relações lésbicas, um grande número de estudos surgiu nos anos 80 (Renzetti, 1988; Lockhart et al., 1994), já no caso das relações entre *gays*, só nos anos 90 (Barbour, 2011; Nunan, 2004), tornando-se esta numa área de investigação ainda mais recente (Henderson & Shefer, 2008), logo também menos estudada (Burke & Follingstad, 1999; Chan & Cavacuiti, 2008; Finneran & Stephenson, 2013; Kay & Jeffries, 2010). Esta diferença temporal pode ser explicada, em parte, pelo facto das lésbicas estarem envolvidas no movimento de emancipação feminina e os *gays* se terem concentrado no controlo da epidemia do VIH (Burke & Follingstad, 1999; Elliot, 1996, citado por Nunan, 2004). Como resultado, muita da investigação produzida com amostras de *gays* foca-se na crise do VIH com o objetivo de aumentar o conhecimento e a prevenção (Burke & Follingstad, 1999), pelo que só quando esta epidemia se tornou de certa forma controlada, é que se começou também a falar sobre a

violência nas relações entre *gays* (Nunan, 2004). Contudo, apesar deste fenómeno estar a aumentar (Younglove et al., 2002), pouca atenção tem sido dada aos casais homossexuais (Renzetti, 1988), isto por ser um tema que tende a ser escondido (Hester & Donovan, 2009; Renzetti, 1988; Topa, 2009), minimizado e negado (Hester & Donovan, 2009).

Vários fatores terão contribuído para a invisibilidade do fenómeno da violência nas relações homossexuais, razão pela qual permaneceu desconhecido durante tanto tempo, entre os quais, o medo de tornar óbvio um problema dentro de uma comunidade já por si alvo de estigma social, da discriminação por uma sociedade homofóbica, os contextos conservadores dos governos (Hester & Donovan, 2009) e o mito que os homens são os agressores e as mulheres as vítimas (Madera & Toro-alfonso, 2005). Os próprios movimentos existentes contra a violência familiar ignoram a prestação de serviços a vítimas de relações com pessoas do mesmo sexo (Turell, 2000) e por outro lado, a comunidade *gay* e *lésbica* ignora a violência (Miller, Bobner, & Zarski, 2000; Turell, 2000). Todos estes motivos contribuem para o silêncio da problemática nesta população, tal como aconteceu nas relações heterossexuais nas décadas passadas (Turell, 2000). Para além disto, é um fenómeno que também tem sido ignorado pelos próprios investigadores (Lockhart et al., 1994).

Não obstante, a violência entre parceiros íntimos é reconhecida pelos profissionais de saúde mental como um problema grave e com potencial para originar um largo leque de consequências negativas em várias áreas para quem é vítima (Murray et al., 2006/2007) como por exemplo, deterioração da saúde física e mental, perda de relações familiares, perda de redes sociais de apoio, perda de funcionamento ocupacional e de bem-estar financeiro (Murray & Mobley, 2009).

Relativamente ao estudo da problemática no contexto português, há que salientar que existe pouco conhecimento acerca da mesma (Topa, 2009, 2010), o que se deve em grande parte à escassa investigação realizada (Santos, 2006). Todavia, com a revisão do Código Penal

Português realizada no ano de 2007, nomeadamente do artigo 152, n.º1, alínea b), tornou possível aos indivíduos homossexuais vítimas de violência estarem abrangidos, de forma explícita, pela lei que define o crime de violência doméstica, algo que não se verificava até então. De mencionar que “esta alteração da lei constituiu um marco muito importante para a maior visibilidade deste fenómeno e tratamento igualitário das vítimas, independentemente da sua orientação sexual” (Costa, Machado, & Antunes, 2009, p. 11).

Assim, tendo em conta a pouca atenção que a problemática tem tido a título nacional, elaborámos o presente projeto com o objetivo de analisar a prevalência da violência e melhor compreensão das dinâmicas violentas existentes nos casais de *gays*, lésbicas e bissexuais.

Deste modo a presente dissertação encontra-se dividida em duas partes, nomeadamente uma parte de enquadramento teórico e conceptual e uma segunda, de índole empírica.

A primeira parte encontra-se delimitada em dois grandes capítulos, um sobre a violência nas relações íntimas, onde contextualizamos algumas definições chave do tema, analisamos a prevalência do fenómeno de violência entre parceiros íntimos e examinamos as semelhanças e diferenças entre as dinâmicas violentas entre os casais heterossexuais e homossexuais. Num segundo momento examinamos que barreiras legais e não-legais possuem implicações na capacidade da vítima para deixar a relação violenta, onde verificamos os motivos pessoais, os mitos existentes em torno do fenómeno, o papel do sistema de justiça e, por fim, dos serviços de saúde/especializados.

Na segunda parte da dissertação, nomeadamente, o estudo empírico, este é dividido por vários subtemas, onde são apresentados os objetivos, a metodologia, a análise estatística, a discussão dos resultados e conclusão. Nesta última, está incluída uma reflexão final sobre a problemática, onde são mencionadas algumas das limitações enfrentadas no presente estudo, deixando também algumas sugestões/orientações para futuros estudos sobre a temática abordada.

I – Enquadramento Teórico

Capítulo I - Violência nas Relações Íntimas – Heterossexuais vs Homossexuais

Primeiro que tudo, parece-nos pertinente, contextualizarmos e familiarizarmo-nos com algumas definições centrais e fulcrais para que melhor possamos compreender todo este fenómeno e o desenvolvimento de todo o presente trabalho.

1.1. Definição de conceitos

Apesar de hoje em dia já existir grande variedade e facilidade de acesso a literatura quanto ao fenómeno de violência nas relações íntimas heterossexuais, o mesmo não se verifica nas relações homossexuais. Alguns dos poucos estudos que analisam esta problemática não se focam no esclarecimento de determinadas definições e conceitos essenciais para que melhor se possa compreender e enquadrar todo o fenómeno. Assim sendo, seguidamente são esclarecidos e explanados determinados conceitos que são necessários ser abordados para que melhor se possa compreender o fenómeno e o presente trabalho em si.

Quando nos referimos a heterossexuais, por norma estes são facilmente identificados, já que são definidos como indivíduos que se sentem física ou emocionalmente atraídos por pessoas de sexo diferente do seu (Ristock & Timbang, 2005). Já no caso dos homossexuais, são indivíduos que se sentem atraídos emocional, física e/ou sexualmente por pessoas do mesmo sexo (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011). Os homens são tipicamente referidos como sendo *gays* e as mulheres como *lésbicas* (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011) e a homossexualidade não é algo recente, mas sim tão antigo quanto a humanidade, existindo ao longo de todos os períodos históricos e culturas, todavia as diferentes sociedades mundiais existentes encaram a mesma de forma diferente (Frazão & Rosário, 2008). O *gay* é visto como um homem que é

física, emocionalmente e/ou sexualmente atraído por outros homens (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011; Ristock & Timbang, 2005). O termo *gay* apesar de se referir a homens homossexuais, pode ser também usado para descrever homens e mulheres que possuem desejos com pessoas do mesmo sexo, para referenciar a comunidade Lésbica, *Gay*, Bissexual e Transgênero (LGBT) como um todo, ou ainda como a identidade de alguém que não se identifica como heterossexual (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011; Ristock & Timbang, 2005). Já a lésbica é definida como uma mulher que é física, emocionalmente e/ou sexualmente atraída por outras mulheres (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011; Ristock & Timbang, 2005). Por último, o bissexual, indivíduo que é física, emocionalmente e/ou sexualmente atraída por mulheres e homens (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011; Ristock & Timbang, 2005). Este tipo de pessoa pode também definir a sua sexualidade como sendo atraída por pessoas de todos os gêneros, incluindo aqueles que identificam o seu gênero além do binário homens e mulher (Ristock & Timbang, 2005). Assim, quando nos referimos a parceiros íntimos do mesmo sexo falamos de duas pessoas que possuem orientação denominada *gay*, lésbica ou bissexual que partilham uma relação de afetividade interpessoal, caracterizada como romântica, sexual, emocional ou outra (Murray et al., 2006/2007). Os parceiros podem namorar, coabitar ou terem contraído matrimônio; podem ter ou não descendentes e partilhar ou não interesses e bens (Murray et al., 2006/2007).

Como podemos ver existem várias definições para caracterizar diferentes orientações sexuais, contudo, aqueles que possuem atração por uma pessoa do mesmo sexo, nem sempre assumem a homossexualidade publicamente ou junto de amigos/familiares. Um termo fortemente associado a esta temática é o *coming out*, versão reduzida de “coming out of the closet”, isto é, “sair do armário”, ou seja, assumir a homossexualidade (Frazão & Rosário, 2008; Nunan, 2004). O termo também faz referência ao processo pelo qual o indivíduo pode partilhar a sua identidade sexual com outros (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011). Este processo engloba

uma componente individual e interpessoal contínua ao longo da vida (Frazão & Rosário, 2008; L.A. Gay & Lesbian Center, 2011) iniciado na adolescência e não na idade adulta, todavia, hoje em dia a idade média do *coming out* é cada vez mais cedo (Frazão & Rosário, 2008). Aqueles que decidem revelar a sua identidade sexual à família de origem, a reação desta é importante, visto que uma pessoa que o faça em plena adolescência encontra-se numa situação de fácil desproteção e vulnerabilidade caso esta não aceite, e à semelhança do processo de *coming out* de um homossexual, o percurso da família quando confrontada com tal realidade pode ser longo e árduo (Frazão & Rosário, 2008). Existe também o oposto deste fenómeno, o *in the closet* que refere-se aos indivíduos homossexuais, bissexuais, transgéneros ou intersexo que não podem, não revelam ou não vão revelar o seu sexo, sexualidade, orientação sexual ou identidade de género com a família, amigos, colegas de trabalho e/ou sociedade (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011). Há vários degraus *in the closet* (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011) ou de *outness* (Kwon, 2013), ou seja, pode existir indivíduos que mantêm a sua identidade sexual em segredo para alguns membros dos referidos anteriormente, e partilhar com outros que sejam mais significativos (Frazão & Rosário, 2008; Kwon, 2013). Estas pessoas estão sempre em constantes decisões difíceis, ou seja, se devem contar ou esconder a sua orientação sexual perante diferentes pessoas, o que as coloca em constante *stress* (Kwon, 2013). O medo de serem prejudicados ou discriminados são alguns dos fatores que poderão levar os indivíduos a esconder a sua sexualidade, o que por sua vez irá também diminuir os níveis de suporte social (Mohr & Daly, 2008). Contudo, ter a sua orientação sexual revelada está relacionado com melhor funcionamento psicológico e bem-estar (Kwon, 2013).

O medo/receio dos homossexuais quanto ao assumirem a sua orientação sexual de forma pública está relacionado com vários fatores, entre os quais a heteronormatividade, heterossexismo e homofobia da sociedade no geral. A heteronormatividade refere-se à suposição individual ou institucional que todas as pessoas são heterossexuais e que a

heterossexualidade é superior à homossexualidade e bissexualidade (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011), constituindo-se esta uma forma de opressão a todas as sexualidades e estilos de vida dissemelhantes desta (Murray et al., 2006/2007). O heterossexismo é uma ideologia que engloba a suposição de que todas as pessoas são ou gostariam de ser heterossexuais (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011; Ristock & Timbang, 2005), que as relações heterossexuais são naturais e normais (Ristock & Timbang, 2005; Peterman & Dixon, 2003), e que, moralmente, são o único modelo normal de relações romântico-sexuais (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011).

Quanto à homofobia, refere-se a atitudes negativas, estereótipos e preconceitos que existem na sociedade acerca dos indivíduos que não são heterossexuais, considerado um medo irracional ou ódio para com os homossexuais, homossexualidade ou qualquer comportamento ou crença que não seja conforme os estereótipos dos típicos papéis sexuais (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011; Neto, 2003; Ristock & Timbang, 2005). O preconceito é tipicamente dirigido a indivíduos *gays* e lésbicas (Ristock & Timbang, 2005). Este tipo de preconceito pode ser dividido em homofobia internalizada e institucional. A homofobia internalizada é o termo usado para se referir à aceitação ou crença acerca das mensagens negativas relativas aos membros das minorias sexuais da sociedade (Carvalho, Lewis, Derlega, Winstead, & Viggiano, 2011; L.A. Gay & Lesbian Center, 2011) ou processo pelo qual um membro do grupo oprimido trata de aceitar e viver com os estereótipos incorretos aplicados ao grupo oprimido (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011). Estes podem sentir-se inferiores aos heterossexuais e culminar no ódio-próprio internalizado acerca da sua sexualidade rejeitando a mesma (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011; Nunan, 2004) “provocando, entre outros, depressão, sentimentos de culpa, medo, desconfiança, confusão, insegurança, ansiedade, vergonha, isolamento social, dificuldade de estabelecer e manter relacionamentos amorosos, disfunções sexuais, hostilidade, abuso de álcool ou drogas, distúrbios alimentares e comportamento ou ideação suicida” (McKirnan e Peterson, 1989; Atkins, 1998, citados por Nunan, 2004, p. 7). Por outro lado, a homofobia institucional é o

processo no qual determinados indivíduos ou estruturas sociais discriminam os homossexuais (Nunan, 2004), ou seja, uma sociedade que beneficia um grupo em detrimento de outro, através da linguagem, comunicação social, educação, religião, economicamente, ou de outra forma (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011).

Por último, importa também fazer a distinção entre violência doméstica e violência nas relações íntimas. No primeiro caso, referimo-nos a dinâmicas violentas entre adultos e violência/abuso intergeracional (Ohms, 2008), ou seja, esta pode ser também direcionada a crianças e idosos (Avena, 2010). Inclui também os incidentes violentos entre *gays*, lésbicas e bissexuais vítimas e seus companheiros, parceiros, ex-parceiros, colegas de quarto e membros da família (Kuehne & Sullivan, 2003). Já a violência nas relações íntimas refere-se ao abuso que ocorre entre duas pessoas numa relação próxima e íntima, geralmente casais românticos, casados, namorados, a coabitar, ex-parceiros ou ex-cônjuges (Oringher & Samuelson, 2011), sendo este um fenómeno documentado como uma epidemia internacional que afeta todas as comunidades (NCAVP, 2013). Esta pode abranger vários tipos de comportamentos (Finneran & Stephenson, 2013), como por exemplo, abuso psicológico/emocional, abuso físico, abuso sexual e socioeconómico (Messinger, 2011; NCAVP, 2013).

Abuso psicológico/emocional - envolve a tentativa de perturbar o bem-estar mental e afetivo do parceiro(a) (Murray et al., 2006/2007) e agressão verbal, realizar ameaças, gestos e posturas agressivas (Avena, 2010), e comportamentos como rebaixar o parceiro, ofender, criticar, praticar jogos mentais, humilhar, fazer o parceiro sentir-se culpado e reforçar a homofobia internalizada (Peterman & Dixon, 2003).

Abuso físico - envolve agressão direta como infligir intencionalmente ou tentativa de causar lesões corporais contra outra pessoa ou objetos pertencentes do mesmo (Avena, 2010; (Murray et al., 2006/2007). Engloba comportamentos como: socos, empurrões, bofetadas,

mordidelas, pontapés, utilização de armas contra parceiro(a), atirar objetos, partir objetos, puxar cabelos e prender o parceiro (Peterman & Dixon, 2003).

Abuso sexual - envolve atos forçados de natureza sexual contra a vontade/desejo do parceiro(a) (Ristock & Timbang, 2005). Engloba atos como forçar o parceiro a ter atos sexuais não confortáveis, dizer ao parceiro que este “pediu” o abuso, acusar de infidelidade e criticar a *performance* sexual (Peterman & Dixon, 2003).

Abuso socioeconômico - envolve o controle da vida social e financeira do parceiro (Avena, 2010). Engloba comportamentos como impedir o parceiro de conseguir emprego, originar o despedimento deste, retirar-lhe dinheiro e/ou fazê-lo suportar/sustentar o agressor/a (Peterman & Dixon, 2003).

1.2. Prevalência do fenómeno

Historicamente, a violência nas relações íntimas tem sido um tema negligenciado pela comunidade LGBT em detrimento de outros problemas igualmente significativos e urgentes, como por exemplo a homofobia e heterossexismo visível na política, sistema legal e religioso, a problemática do VIH e das doenças sexualmente transmissíveis (Murray et al., 2006/2007). Esses problemas são importantes e necessários de ser abordados, contudo não se deve excluir a violência nas relações íntimas, devido à prevalência do fenómeno e às suas potenciais consequências negativas para os membros da comunidade LGBT (Murray et al., 2006/2007).

A literatura produzida, na qual procura, entre outros objetivos, analisar a prevalência do fenómeno, enfrenta várias dificuldades metodológicas. E se as estatísticas de violência contra as mulheres são difíceis de efetuar, no seio das relações homossexuais são ainda mais escassas e difíceis de realizar (Banks, & Fedewa, 2012; Nunan, 2004; Richards et al., 2003; Seelau & Seelau, 200;). Contudo, determinar a taxa de incidência do fenómeno da violência entre parceiros do mesmo sexo é uma das formas de legitimar/demonstrar o problema existente,

garantir fundos financeiros para a prestação de serviços e revelar quem e quantas pessoas da comunidade LGBT são afetadas (Ristock, 2003). Apesar de atualmente ser um tema com maior interesse e de haver um crescente corpo teórico interessado no assunto, não existe muita informação acerca da frequência e incidência do fenômeno (McKenry et al., 2006).

Os estudos existentes a nível internacional enfrentam vários problemas metodológicos (Donovan, Hester, Holmes, & Mccarry, 2006; Hester et al., 2010; Murray et al., 2006/2007), tais como a utilização de amostras pequenas (Nowinski & Bowen, 2012; Rohrbaugh, 2006; Tjaden & Thoennes, 2000), não aleatórias (McClennen, 2005; Rohrbaugh, 2006; Younglove et al., 2002), não representativas (Burke & Follingstad, 1999; Hester et al., 2010; McClennen, 2005; Nowinski & Bowen, 2012; Tjaden & Thoennes, 2000), não probabilísticas (Buller, Devries, Howard, & Bacchus, 2014) e geralmente obtidas através métodos de conveniência o que torna difícil poder fazer generalizações (Buller et al., 2014; Nowinski & Bowen, 2012). Alguns autores afirmam que é extremamente difícil obter uma amostra aleatória (Waldner-Haugrud, 1999) e representativa (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011), outros vão mais longe e referem mesmo que não é possível (Donovan, et al., 2006; Hester & Donovan, 2009; Hester et al., 2010). Semelhante afirmação é descrita por Turell (2000) “Due to the hidden nature of many gay men and lesbians, a true random sample is impossible” (p. 282).

Muitas das investigações realizadas recorrem a participantes que se auto identificam como sendo pessoas LGBT, por conseqüente, os resultados devem ser interpretados com cautela, já que podem não ser indicativos/representativos de toda a população (Miller et al., 2000; Turell, 2000). E para além disso, por medo de como a informação obtida pode ser usada e/ou se os questionários são realmente anónimos pode impedir os mesmos de responder honestamente sobre a sua orientação sexual e o seu relacionamento amoroso (Baker, Buick, Kim, Moniz, & Nava, 2012). Situações essas ainda mais incisivas, por exemplo, em estudos que focam determinada área geográfica, visto que pode comprometer a confidencialidade dos

participantes (Donovan et al., 2006). De referir ainda que, a maioria dos estudos apenas engloba *gays* e/ou lésbicas, os bissexuais e transgéneros raramente são incluídos.

Pouco são os estudos que têm utilizado instrumentos validados que mensurem a violência nas relações íntimas, consequências ou comportamentos sexuais de risco (Buller et al., 2014). Estes utilizam escalas que foram validadas para amostras heterossexuais, o que necessariamente pode não capturar o fenómeno nas relações homossexuais (Buller et al., 2014; Regan, Bartholomew, Oram, & Landolt, 2002) e muitos utilizam escalas sem mencionar/discutir a sua validade ou características psicométricas (Buller et al., 2014).

Os estudos acerca do fenómeno nas relações lésbicas tendem a ser qualitativos, realizados através de entrevistas e casos de estudo envolvendo pequenas amostras (Hester, Donovan, & Fahmy, 2010). Já no caso dos *gays*, tem sido inquéritos de carácter quantitativo que são limitativos em termos de questões que se debrucem sobre comportamentos violentos e não exploram os fatores contextuais (Hester et al., 2010).

Um outro problema prende-se com o facto de alguns estudos recrutarem participantes que se auto identificam como vítimas, o que pode excluir vítimas que se não se vêem como tal (Oringher & Samuelson, 2011; Ristock & Timbang, 2005). Por vezes os investigadores não diferenciam entre violência cometida contra pessoa do mesmo sexo ou de sexo diferente (Younglove et al., 2002) ou se tais comportamentos violentos aconteceram na presente ou numa relação anterior, e não apresentam uma clara definição dos tipos de comportamentos tidos como abusivos, o que pode levar a que os participantes não considerem determinados comportamentos como não abusivos (Burke & Follingstad, 1999). Além disso, escassas vezes, verifica-se a análise de comportamentos de perpetração e vitimização nos participantes, o que permitiria observar a bidirecionalidade do abuso (Oringher & Samuelson, 2011) e não realizam controlo se ambos os parceiros do casal fizeram parte da mesma amostra, podendo levar a

sobrerrepresentação de experiências desses casais nos resultados da investigação (Burke & Follingstad, 1999; Murray & Mobley, 2009).

Por último, este fenómeno demonstra grande potencial de enviesamento graças à desejabilidade social (Burke & Follingstad, 1999), isto porque os perpetradores podem estar relutantes em reportar os seus comportamentos abusivos e as vítimas em reportar as suas experiências de abuso (Murray & Mobley, 2009), contudo raros são os estudos que tentam controlar esta variável.

Todas estas situações mencionadas tornam as comparações entre estudos com pessoas do mesmo sexo difíceis dado a variedade de metodologias (Hester & Donovan, 2009; Hester et al., 2010; Madera & Toro-alfonso, 2005; Richards et al., 2003), tipo de amostras utilizadas (Hester & Donovan, 2009; Hester et al., 2010; L.A. Gay & Lesbian Center, 2011; Richards et al., 2003; Rohrbaugh, 2006), e as variações de definições de violência e abuso empregues (Hester & Donovan, 2009; Hester et al., 2010; Madera & Toro-alfonso, 2005; Richards et al., 2003; Rohrbaugh, 2006; Oringher & Samuelson, 2011; Potoczniak, Murot, Crosbie-Burnett, & Potoczniak, 2003; Ristock & Timbang, 2005), pelo que as taxas de prevalência tendem a variar bastante entre estudos (Hester & Donovan, 2009; Hester et al., 2010; Madera & Toro-alfonso, 2005).

Todavia e apesar das limitações existentes, não significa que a investigação não deverá ser realizada, mas permite-nos constatar que as investigações ainda se encontram numa fase inicial de desenvolvimento de metodologias e de estratégias de recolha de amostra (Barbour, 2011). Para além disso, alerta-nos para o facto de que as taxas verificadas provavelmente não representam a extensão do problema (Murray et al., 2006/2007; Vickers, 1996) sendo apenas, na melhor das hipóteses, uma estimativa da problemática (Baker et al., 2012) até porque também não existem dados demográficos oficiais sobre o número da população homossexual (Avena, 2010; Nunan, 2003).

Olhando para a literatura disponível, podemos verificar que existem estudos que focam ambas as populações, *gays* e lésbicas e/ou toda a comunidade LGBT, e outros que focam apenas uma secção desta, *gays* ou lésbicas, e em alguns casos bissexuais e transgéneros também. Por forma a tentar simplificar, iremos dividir este tema em quatro secções, foco nos estudos constituídos por amostras de homossexuais (1.2.1.); estudos constituídos por amostras de *gays* (1.2.2); estudos constituídos por amostras de lésbicas (1.2.3); e referência aos estudos nacionais existentes (1.2.4).

1.2.1. Estudos constituídos por amostras de homossexuais

Os estudos que focam toda a comunidade homossexual, a maioria varia entre uma taxa de cerca de 25% a 50% no que toca à violência nas relações íntimas, por exemplo: Henderson (2003) com uma amostra de 1911 mulheres e 1391 homens, verificou que 22% das mulheres já tinha sofrido abusos físicos, sexuais ou psicológicos ou outros comportamentos violentos, sendo que 3% referiu ter acontecido apenas uma vez e 19% era vítima de abusos recorrentes; já no caso dos homens, 29% já tinha sofrido abusos físicos, sexuais ou psicológicos ou outros comportamentos violentos, sendo que em 5% aconteceu apenas uma vez e 24% era vítima de abusos recorrentes. No estudo de Halpern, Young, Waller, Martin, e Kupper (2004) com uma amostra de 117 adolescentes, aproximadamente um quarto reportou algum tipo de vitimação, onde as mulheres reportaram maiores níveis de violência psicológica e física comparativamente aos homens. Carvalho e colaboradores (2011) referem que, de um total de 581 participantes, 138 foram vitimizados, ou seja, 24.2% foram vítimas nas suas relações íntimas, nomeadamente 25% das lésbicas e 23% dos *gays*; 9.4% dos participantes afirma ter sido perpetrador, correspondendo a 9.3% das lésbicas e 8.3% dos *gays*, sendo que quase a totalidade dos perpetradores de violência nas relações íntimas já tinha sido vítima. Há que referir ainda, que neste estudo, os investigadores decidiram integrar no mesmo grupo os participantes com história de violência nas relações íntimas com pessoas do mesmo e do sexo oposto. Donovan e

colaboradores (2006), Hester e Donovan (2009) e Hester, Donovan e Fahmy (2010) com uma amostra constituída por 692 pessoas, constataram que, 38.4% dos participantes já experienciou violência nalguma altura na sua relação, em proporções iguais entre homens e mulheres (35.2% vs 40.1%). O abuso emocional foi referido por 77.8% da amostra e o abuso físico por 40.1%, em ambos os casos também em percentagem idêntica entre *gays* e lésbicas. No caso do abuso sexual, foi identificado por 40.5% da amostra, com os homens com maiores percentagens. Em alguns casos o abuso experienciado continuou após o término da relação, tendo mesmo levado à escalada dos comportamentos violentos, isto porque a separação não significa fim do contacto entre o ex-casal. Taxas semelhantes foram encontradas no estudo de McKenry e colaboradores (2006), que com uma amostra de 77 participantes, constataram que 39% dos *gays* e 35% das lésbicas afirmam ter sido violentos fisicamente; e no estudo de Mena e colaboradores (2005) constituído por 197 participantes, sendo que 41.6% afirma ter sido vítimas em alguma das suas relações em igual proporção entre homens e mulheres (20.3% vs 19.3%).

Outros autores como Turell (2000), com uma amostra de 499 participantes, 9% reportou violência física no presente, 32% no passado, 1% relações sexuais forçadas na presente relação e 9% em relações passadas. O abuso emocional foi dividido em várias subcategorias, e pelo menos um dos itens relativos ao abuso monetário foi referido por 40% da amostra, coerção emocional por 51%, envergonhar o parceiro por 70%, comportamentos de ameaça por 52% e comportamento de *stalking* por 20%. No total, pelo menos um dos itens possíveis referente ao abuso emocional foi assinalado por 83% dos participantes. As mulheres reportam significativamente maiores percentagens que os homens em vários abusos, como no físico (44% vs 55%), na coerção (42% vs 59%), na ameaça (45% vs 57%), na vergonha (62% vs 77%), e na utilização das crianças (5% vs 12%). O mesmo já não acontece no abuso sexual (12% vs 12%), nos comportamentos de *stalking* (17% vs 23%), abuso financeiro (37% vs 43%) e emocional (83% vs 83%). Do total de participantes, 53% refere que experienciou abuso, abuso

este que ocorreu em dois ou mais relacionamentos. Com estes resultados, Turell (2000), concluiu que a população LGBT experiencia comportamentos de violência física e sexual em frequência semelhante à população heterossexual.

Matte e Lafontaine (2011), no seu estudo realizado com uma amostra de 218 indivíduos, verificaram que 76.2% (relativamente à violência psicológica) e 14.7% (relativamente à violência física) das mulheres reportou ter recorrido pelo menos uma vez à violência no passado. No caso dos homens, 70.7% e 12% reportou ter recorrido pelo menos uma vez à violência psicológica e física no passado, respectivamente. Quando às taxas de vitimação, 70.2% (relativamente à violência psicológica) e 16.1% (relativamente à violência física) das mulheres afirmou ser vítima pelo menos uma vez no passado. Já os homens, 78.4% e 12% relatou ter sido vítima de pelo menos uma vez de violência psicológica e física no passado, respectivamente.

Todavia, existem estudos com taxas de prevalência que superaram as anteriormente mencionadas, por exemplo, o de Burke e colaboradores (2002), onde dois terços da amostra de 72 indivíduos já experienciou algum tipo de abuso; Blosnich e Bossarte (2009) que no seu estudo comparam a taxa de violência nas relações íntimas entre casais heterossexuais e homossexuais, e verificaram que nos casos dos homossexuais, nomeadamente de 88 homens, 81.2% referem ter sido vítimas de violência verbal, 89.9% de violência física e 31.4% de violência sexual; e das 85 mulheres, 86.5% refere ter sido vítima de violência verbal, 89.1% de violência física e 51.6% de violência sexual; e por último, Heintz e Melendez (2006) que no seu estudo com 58 participantes, apuraram que 98% dos participantes afirma que experienciou abuso verbal na presente ou recente relação, 71% violência física e quase metade já foi forçado a ter relações sexuais.

1.2.2. Estudos constituídos por amostras de *gays*

Quanto aos estudos que contemplam amostras de *gays* e bissexuais e/ou heterossexuais, as taxas possuem maior oscilação do que os estudos com a população LGBT, por exemplo no estudo de Oringher e Samuelson (2011), num total de 117 participantes, 9.4% refere ser vítima, 42.7% vítimas e agressores e 3.4% apenas agressores. Verificam-se taxas mais elevadas encontradas no estudo de Stanley e colaboradores (2006) em que 29% afirma ser vítima, 27% perpetrador, e 23% reporta que a violência ocorreu pela primeira vez quando a relação tinha terminado, estava em processo de término ou já tinha terminado mas mantinham contacto, referindo-se a um universo de 69 entrevistados; no estudo de Chan e Cavacuiti (2008), 31.3% num total de 32 participantes mencionou ser vítima; no estudo de Yu, Xiao, e Liu (2013) realizado com uma amostra de 418 homossexuais e 330 heterossexuais, 32.8% dos homossexuais já terão experienciado algum tipo de abuso; e ainda o estudo de Ramachandran, Yonas, Silvestre e Burke (2010) efetuado com uma amostra de 56 indivíduos com diagnóstico positivo de HIV, sendo 55% heterossexuais, 34% homossexuais e 11% bissexuais, no qual, 49% dos heterossexuais, 34% dos homossexuais e 15% dos bissexuais relatam ter sido vítimas de violência nas relações íntimas.

Com taxas um pouco mais elevadas, temos o estudo de Wu e colaboradores (2014), no qual 38% da amostra reportou violência nas relações íntimas em algum momento da presente relação de um universo de 74 indivíduos. Toro-Alfonso e Rodríguez-Madera (2004) no qual de um universo de 199 participantes, 40% refere ter sido vítima de abuso emocional, 24% de abuso físico e 14% de abuso sexual, e apesar dos participantes identificarem os comportamentos abusivos, apenas 24% se percecionou como estar envolvido numa relação violenta; Rodríguez-Madera e Toro-alfonso (2005) e Toro-Alfonso e Rodríguez-Madera (2013) que nos seus estudos com uma amostra de 302 participantes, observaram que 40% refere ter sido vítima de abuso emocional, 24% de abuso físico e 16% de abuso sexual. Surge-nos também o estudo de

Bartholomew, Regan, White e Oram (2008) realizado com 1176 homens, dos quais 284 eram *gays* (93%) e bissexuais (7%), concluindo que 41% e 94% reportou ter sido vítima de pelo menos um ato físico e psicológico violento, respectivamente; já 35% e 96% mencionou ter sido violento física e psicologicamente, pelo menos uma vez no passado respectivamente. Estes autores verificaram ainda que 8% foi fisicamente forçado e 4% fisicamente ameaçado, no passado, a ingressar em atividades sexuais. Quanto as taxas de vitimação e perpetração de violência na relação atual são bastante mais baixas do que as mencionadas nas relações passadas.

De referir ainda o estudo de Kay e Jeffries (2010), constituído por participantes que eram prestadores de serviços em instituições que trabalham com a comunidade LGBT, nomeadamente com a problemática da violência nas relações íntimas, onde todos os participantes, através da sua experiência, indicaram que este fenómeno ocorre nas relações homossexuais masculinas em taxas semelhantes ou mais elevadas do que nas relações de sexo oposto. A violência física, emocional e sexual são as mais referidas pelos participantes, com a possibilidade da violência física acontecer com maior frequência. Por último, o estudo de Buller e colaboradores (2014) que concluíram, através de uma meta-análise, que a violência nos relacionamentos íntimos de homens que têm sexo com outros homens é prevalente. Estes autores encontraram também evidências que a exposição a este tipo de fenómeno como vítima está associado a uma maior probabilidade de consumo de substâncias, sintomas depressivos, ter diagnóstico positivo de VIH e ter relações sexuais anais sem proteção com outros homens. Por outro lado, no caso dos perpetradores, existe associação com o consumo de substâncias.

Em suma, as taxas encontradas nos estudos mencionados revelam que o abuso mais comum no seio das relações íntimas entre *gays* é a agressão psicológica, com uma incidência semelhante aos casais heterossexuais (Burke, Jordan, & Owen, 200; Nowinski & Bowen, 2012; Potoczniak et al., 2003).

1.2.3. Estudos constituídos por amostras de lésbicas

Quanto à literatura que recorre a amostras constituídas por lésbicas é possível verificar que existem mais estudos de carácter qualitativo do que quantitativo, pelo que pesquisas com carácter de análise da prevalência são mais escassas. Aqueles que tentam estudar a prevalência são afetados, entre outros fatores, pela falta de conhecimento de que este tipo de violência também ocorre nas relações lésbicas, o que faz com que possam não representar a real incidência da mesma (Little & Terrance, 2010). Para agravar esta situação, também é bastante difícil conseguir obter taxas precisas da frequência deste fenómeno nas relações lésbicas (Giorgio, 2002). Não obstante a invisibilidade estatística ou mediática, este tipo de fenómeno é tão agressivo e prejudicial como qualquer outra forma de violência doméstica (Santos, 2006).

Olhando para os estudos que se focam em amostras de lésbicas, bissexuais e/ou até mulheres heterossexuais, encontramos taxas mais elevadas do que aqueles que contêm amostras LGBT, por exemplo: no estudo de McLaughlin e Rozee (2001), constituído por uma amostra de 297 participantes, 256 lésbicas e 41 mulheres bissexuais, 34% reportou ter sido vítima de violência numa relação com outra mulher, 25% ter sido vítima de uma relação com uma pessoa de sexo oposto e 20% ter sido vítima tanto numa relação homossexual como heterossexual; Balsam e Szymanski (2005) com uma amostra de 272 participantes, sendo a maioria lésbica (77%), 44% reportou ter sido vítima de violência física ou sexual por uma parceira feminina e 40% dos participantes reportou ter sido fisicamente ou sexualmente violento contra um parceiro do sexo feminino; Schilit, Lie, Bush, Montagne e Reyes (1991) com uma amostra de 104 lésbicas, quase metade das participantes mencionou historial de relacionamentos abusivos. Entre as lésbicas que reportavam atos abusivos, 40% reportou que cometeu esses atos em legítima defesa nas relações passadas e 36% na presente relação. Já com taxas superiores a 50%, o estudo de McClennen, Summers e Daley (2002), com uma amostra constituída por 78 lésbicas, 57.7% já haviam experienciado abusos na sua relação íntima, onde 91.5% referiu ser

vítima de abuso emocional, 63.8% de abuso físico, 46.8% de abuso financeiro e 14.9% de outros tipos de abuso; 48.9% foram ainda abusadas frequentemente e 37.8% diariamente ou quase diariamente; Bernhard (2000) no seu estudo com uma amostra de 136 mulheres lésbicas e 79 mulheres heterossexuais constatou que 65% das lésbicas e 53% das mulheres heterossexuais terem experienciado algum tipo de violência, podendo esta ter sido perpetrada por outros além de parceiros íntimos, como amigos, membros de família ou outros. Em relação à violência física, 40% das lésbicas relatou ter sido vítima pelo parceiro(a) e 24% vítima de violência sexual. Refiro parceiro ou parceira, porque novamente dentro desses valores podem estar incluídos parceiros do outro sexo. O estudo de Ristock (2003), realizado com uma amostra de 80 mulheres entrevistadas, constatou que a maioria identificou-se como vítima, três como agressoras e outras relataram um papel confuso e que mudava entre agressora e vítima ao longo da relação. Os tipos de abusos experienciados mencionados passa pelo abuso emocional, abuso verbal, *stalking*, destruição de propriedade, conduzir de forma imprudente para causar medo, abuso financeiro, abuso físico e abuso sexual. E por último, Lockhart e colaboradores (1994) no seu estudo constituído por 284 mulheres lésbicas verificaram que 90% foi alvo de um ou mais atos de agressão verbal na sua relação íntima, 31% de incidentes físicos e 11.6% de outras formas severas de abuso físico.

Podemos constatar que as taxas apresentadas ao longo dos estudos têm sido comparáveis aos dos casais heterossexuais (Walters, 2011), sendo que o comportamento mais frequentemente reportado é o abuso psicológico (Burke & Follingstad, 1999; Lewis, Milletich, Derlega, & Padilla, 2014), com taxas semelhantes ou ainda mais elevadas do que nas relações heterossexuais (Lewis et al., 2014).

1.2.4. Estudos nacionais

A nível nacional, este é um fenómeno foco de pouca de atenção, encontrando-se poucos estudos realizados e menos ainda publicados e de fácil acesso. Verifica-se também a existência

de alguns que lidam com o fenômeno mas numa perspectiva descritiva e exploratória com lésbicas (Santos, 2006; Topa, 2009, 2010;), não tendo encontrado na nossa pesquisa trabalhos qualitativos com homens *gays*. Contudo, foi possível encontrar trabalhos quantitativos com *gays* e lésbicas, nomeadamente o de Antunes e Machado (2005), no qual de um universo de 63 participantes, 20.6% dos participantes que estavam envolvidos numa relação revelaram que foram vítimas de pelo menos um ato abusivo durante o último ano e 15.9% admitem ter adotado algum tipo de comportamento violento. Quanto a relações passadas, 61.9% dos participantes mencionaram comportamentos de vitimação e 46% revelam ter assumido algum tipo de comportamento violento, no qual os maus-tratos físicos e psicológicos são os mais referidos pelos participantes, quer na situação de vítimas quer na de agressores. Também no estudo de Costa, Machado e Antunes (2009), que teve por base uma amostra composta por 151 participantes, 37.7% revelaram ter sido vítimas de pelo menos um ato abusivo e 39.1% admitiram ter adotado algum tipo de comportamento violento no último ano, sendo que os maus-tratos físicos e psicológicos são os mais referidos pelos participantes quer na situação de vítima quer na de perpetrador.

1.3. Semelhanças, dissemelhanças e especificidades

Através da pesquisa e da produção científica concebida atualmente, sabemos que o fenômeno da violência nas relações íntimas é um problema grave que afeta tanto as relações heterossexuais como homossexuais (Carvalho et al., 2011). As pesquisas realizadas sugerem que as taxas de violência doméstica entre casais do mesmo sexo são semelhantes aos de casais de sexos diferentes (Antunes & Machado, 2005; Brown & Groscup, 2008; Chan & Cavacuiti, 2008; L.A. Gay & Lesbian Center, n.d; Madera & Toro-Alfonso, 2005; Potoczniak et al., 2003; Ristock & Timbang, 2005; Rohrbaugh, 2006) se não maiores ainda, contudo os resultados existentes deverão ser interpretados com cautela (Ristock & Timbang, 2005).

Além das semelhantes taxas, as investigações mostram que os casais homossexuais têm dinâmicas de funcionamento idênticas aos casais heterossexuais (Pope, Murray, & Mobley, 2010) e no que diz respeito aos tipos de abusos experienciados pela população lésbica e *gay* a conclusão é a mesma, experienciando práticas como abuso físico, abuso psicológico, abuso sexual, controlo económico e danos de propriedade, práticas estas que poderão ser tão invasivas como as experienciadas pelos parceiros heterossexuais (Brown, 2008; Kuehnle & Sullivan, 2003). Isto significa que, os investigadores têm concluído que a violência nas relações íntimas entre pessoas do mesmo sexo assume muitas das mesmas formas/padrões que ocorrem nas relações heterossexuais (Aulivola, 2004; Barbour, 2011; Madera & Toro-alfonso, 2005; Mena et al., 2005; Miller et al., 2000; Richards et al., 2003; Ristock & Timbang, 2005), com o mesmo grau de severidade (Barbour, 2011) e o mesmo ciclo de violência (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011; Ristock, 2003), podendo mesmo ser letal (Nunan, 2004; Ristock & Timbang, 2005). Por norma este padrão de violência acontece de forma cíclica, aumentando de intensidade e frequência ao longo do tempo (Ohms, 2008; Potoczniak et al., 2003; Ristock & Timbang, 2005), isto é, raramente acontece como um ato isolado (Antunes & Machado, 2005; Avena, 2010; Schilit et al., 1991), contudo existem casos em que é mais espontâneo e esporádico (Ohms, 2008; Ristock, 2003; Topa, 2010). O tipo de violência mais comum é a violência psicológica e a menos comum/esporádica é a violência física e sexual (Nunam, 2004), mas semelhantes em todos os tipos de casais (Rohrbaugh, 2006). Quanto aos fatores de risco associados à violência, são muitos daqueles aplicados à violência entre parceiros do mesmo sexo e de sexo diferente (Kay & Jeffries, 2010), podendo estar relacionado com historial de violência no âmbito familiar, abuso de álcool e drogas, doenças mentais, baixa-auto estima, diferenças de poder e *status* pobres competências comunicacionais, baixo autocontrolo, e situações de vida stressantes (Avena, 2010; Nunan, 2004). Todavia, existe fatores específicos nesta população, fatores esses, como a homofobia internalizada (Antunes & Machado, 2005; Balsam & Szymanski, 2005;

Eliason, 1996), o primeiro relacionamento amoroso (Hester et al., 2010), e o diagnóstico positivo de VIH (Craft & Serovich, 2005; Murray et al., 2006/2007; Ristock & Timbang, 2005).

Quando nos referimos ao ciclo da violência, o modelo tradicional inclui três fases, a fase de acumulação de tensão, fase do incidente e fase da lua-de-mel (Walker, 2009) e aplica-se em ambos os grupos (Chan & Cavacuiti, 2008; L.A. Gay & Lesbian Center, 2011). Numa primeira fase existe um acumular de tensão que culmina num ato violento, isto é, a fase do incidente, e posteriormente segue-se a fase de lua-de-mel, onde o perpetrador afirma que tem remorsos e tenta fazer as pazes através de promessas de mudança e da oferta de presentes (Walker, 2009). A violência tipicamente evolui/reinicia-se após a fase de lua-de-mel e geralmente um sentimento de impotência cresce de forma gradual, com a aceitação e tolerância da situação abusiva, ou seja, os graus de aceitação relativamente ao abuso crescem de forma paralela com a progressão do comportamento violento, contribuindo para a cegueira da severidade do abuso (Potoczniak, Murot, Crosbie-Burnett, & Potoczniak, 2003). Toro-Alfonso e Rodríguez-Madera (2004) afirmam que o abuso emocional é parte integrante de um padrão de violência e constitui uma significativa porção do ciclo de violência doméstica, em que a grande frequência de incidentes de abuso emocional tende a prejudicar a relação e fornecer espaço para a existência de outras manifestações de violência. A comprovar esta situação por exemplo, o estudo de Bartholomew, Regan, White, e Oram (2008), que verificaram que todas as formas de violência tende a coocorrer, onde a severidade do abuso físico e psicológico estão fortemente associados; e Stanley e colaboradores (2006) que no seu estudo com uma amostra *gay* também encontraram associação entre abuso físico e emocional, ou seja, aparentemente o abuso físico tipicamente envolve abuso emocional e a severidade da violência física aumenta conforme a severidade do abuso emocional. Referente a esta associação entre agressão física e psicológica, Matte e Lafontaine (2011) mencionam que é difícil isolar ambas, referindo que “the two constructs have similar correlates, precursors, and etiology” (p. 229). Contudo este ciclo, no caso dos

homossexuais, incorpora outros fatores como a homofobia internalizada e externalizada tanto das vítimas/agressores como das instituições (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011). Estes fatores originam a vergonha devido à orientação sexual e à internalização de mensagens e concepções erradas sobre a violência entre pessoas LGBT. Uma vez internalizadas, estas originam um vínculo traumático e de isolamento do casal, levando a uma maior dificuldade em romper o ciclo (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011), além de que o isolamento assume um papel fundamental nos sentimentos de impotência da vítima perante o abuso (Aulivola, 2004). Aqueles que são capazes de quebrar o ciclo e procurar ajuda, frequentemente deparam-se com respostas institucionais homofóbicas e heterossexistas, que criam uma barreira à ajuda nestas situações (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011).

Por forma a exemplificar este ciclo, vários estudos têm analisado a questão da evolução da violência. No estudo de Oliffe e colaboradores (2014), realizado com um universo de 14 participantes masculinos com experiência de comportamentos violentos na relação íntima com pessoas do mesmo sexo, caracterizavam-se por um leque de incidentes previsíveis e intensificados ao longo do tempo; no estudo de Renzetti (1988), constituído por 100 lésbicas com experiência em relações violentas, 77% respondeu que o primeiro incidente violento aconteceu em menos de seis meses após o relacionamento, sendo que 71% afirmou que cresceu progressivamente em termos de gravidade com o tempo e 13% não estavam certas quanto à evolução. Por último, Walters (2011) no seu estudo realizado com lésbicas concluiu que algumas mulheres experienciaram múltiplas formas de violência, violência esta que geralmente começava de forma ténue, quase indetetável e irreconhecível pelas participantes e aumentava de severidade e de frequência ao longo do tempo, por vezes com maior pico quando a vítima tentava deixar o relacionamento.

Quanto às diferenças da violência entre as relações de *gays* e lésbicas e heterossexuais, talvez a maior resida no facto desta população viver numa sociedade heterossexista e

homofóbica (Brown, 2008; Gillum & DiFulvio, 2012; Kay & Jeffries, 2010), condicionantes que os casais heterossexuais não enfrentam e que causam uma maior tensão nas relações homossexuais (Gillum & DiFulvio, 2012; Halpern et al., 2004; Kay & Jeffries, 2010; Miller et al., 2000). Este facto pode originar o isolamento tanto da vítima como do agressor (Brown, 2008; Gillum & DiFulvio, 2012; Murray et al., 2006/2007), fazendo-os enfrentar inúmeros desafios psicológicos, como consequência da hostilidade da sociedade (Garnets, Herek, & Levy, 1990). Este preconceito que resulta num *stress* adicional à população LGBT é muita das vezes mitigado através da prática de condutas sexuais de risco, consumo de substâncias e até mesmo pela violência nas relações de intimidade (De Santis, Gonzalez-Guarda, Provencio-Vasquez, & Deleon, 2014). Os casais homossexuais podem também ainda ser marginalizados pela própria comunidade LGBT (Ristock & Timbang, 2005), terem poucos amigos e fontes de suporte (Brown, 2008), sendo que as famílias que não aceitem e não promovam suporte podem criar um fator extra de fonte de conflito entre o casal (Chong, Mak, & Kwong, 2013). Muitas vítimas sentem vergonha e culpa por estar num relacionamento abusivo e quando são marginalizadas por membros da comunidade LGBT podem experienciar a perda de apoio, o que pode afetar negativamente a recuperação a longo prazo (Ristock & Timbang, 2005). De referir que para muitos, a violência nas relações íntimas é apenas uma das formas de violência de que são vítimas, uma vez que estas pessoas vivem num constante cenário de opressão social (Ristock & Timbang, 2005). Tudo isto contribui para o silêncio das vítimas, ou seja, há quem fale num duplo armário, isto é, o primeiro armário passa por não assumir a homossexualidade e o segundo por não admitir a existência de violência nas relações íntimas (McClennen, 2005; Nunan, 2004; Santos, 2006; Vickers, 1996). Uma autora portuguesa, Santos (2012) refere ainda uma terceira discriminação que afeta as mulheres lésbicas, “a sua condição de género num sistema dominado pelo patriarcado e pelo sexismo, que remete as mulheres para situações agravadas de pobreza e exclusão” (p. 20).

Quanto às táticas de abuso utilizadas pela população de gays e lésbicas são as mesmas que no caso das relações heterossexuais, contudo existem comportamentos específicos que refletem o contexto heterossexista e homofóbico da sociedade em torno das relações LGBT (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011; Mena et al., 2005; Ristock & Timbang, 2005; Toro Alfonso & Madera, 2013; Vickers, 1996), e que se tornam verdadeiras armas de controlo (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011; McLaughlin, & Rozee, 2001; Miller et al., 2000). Estes comportamentos podem englobar a revelação da identidade/orientação sexual à entidade patronal, amigos, membros da família (Brown, 2008; Chan, 2004; Miller et al., 2000; Ristock & Timbang, 2005; Rohrbaugh, 2006); ameaçar com a perda da custódia do filho por causa de identidade sexual/género (Chan, 2004; Nunan, 2004; Potoczniak et al., 2003; Ristock & Timbang, 2005); e ameaçar revelar que é portador/a de VIH (Nunan, 2004; Ristock & Timbang, 2005). Tudo isto pode culminar no isolamento social (Brown, 2008), perda de emprego (Brown, 2008; Miller et al., 2000; Nunan, 2004; Potoczniak et al., 2003), de residência (Miller et al., 2000; Nunan, 2004; Potoczniak et al., 2003; Rohrbaugh, 2006), de oportunidades de formação/educação (Rohrbaugh, 2006) e/ou perda/danificação das relações com amigos/familiares/colegas de trabalho (Miller et al., 2000; Nunan, 2004; Rohrbaugh, 2006). Existe ainda outro tipo de ameaças específicas, como dizer ao parceiro que a polícia ou o sistema de justiça não o irá ajudar, visto se tratar de entidades com indivíduos homofóbicos e ainda, dizer ao parceiro que o comportamento abusivo é normal nas relações gays e lésbicas (Chan, 2004).

Entre o próprio grupo homossexual, existem diferenças entre homens e mulheres, os *gays* e bissexuais masculinos aparentam ter mais dificuldade em ver-se a si próprios como vítimas de abuso e possuem maior probabilidade de utilizar a violência, em resposta aos comportamentos agressivos dos seus parceiros (Letellier, 1994, citado por Chan & Cavacuiti, 2008). Para além disto, aparentemente os casais de lésbicas revelam maior experienciação de *stress* acerca da reação da família, isto é, possível rejeição, falta de suporte e/ou compreensão;

já os casais *gays* revelam maior preocupação com problemas em torno do VIH (Todosijevic, Rothblum, & Solomon, 2005). Todos estes fatores mencionados contribuem para o isolamento da vítima, o que irá potenciar a falta de direitos de proteção e de acesso ao sistema legal (Rohrbaugh, 2006). De referir que quando os relacionamentos se tornam violentos, por vezes, os *gays* e lésbicas sentem vergonha e desapontamento, pois acreditam que não foram capazes de refutar os estereótipos acerca das relações homossexuais, ou seja, que são perversas e destinadas ao fracasso (Nunan, 2004).

A violência pode ter um impacto significativo na saúde e bem-estar da vítima e originar sequelas físicas como nódos negros, ossos partidos, queimaduras e/ou consequências emocionais como depressão, raiva, vergonha, medo, ideação suicida e *stress* pós-traumático (Ristock & Timbang, 2005). Estas consequências podem variar dependendo da força do agressor ou do ato, intenção e resposta da vítima (Bartholomew, Regan, White, & Oram, 2008). Além do mais, esta problemática não tem só impacto para os envolvidos mas como também molda as reações e opinião da sociedade (Brown, 2008). Assim sendo, os membros LGBT encontram-se em maior risco comparativamente ao heterossexuais, de contrair VIH, consumir substâncias e de desenvolver vários problemas de saúde mental como ansiedade e depressão (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011). De referir que por exemplo, no estudo de Stanley e colaboradores (2006), os participantes que mencionaram ter sido vítimas relataram consequências físicas decorrentes desses abusos, sendo que 33% não reportou consequências físicas, 45% referiu ferimentos físicos menores e 22% reportou ferimentos mais sérios como graves contusões e ossos partidos e apenas 12% dos participantes reportou ter tido assistência médica. Ao nível das consequências emocionais foram mencionados pelos participantes, sentimentos como medo, mágoa ou zanga. Já no estudo de Bartholomew, Regan, White e Oram (2008), aqueles que reportaram ter sido vítima, tanto no passado como no presente, cerca de 40% mencionou

ferimentos menos sérios, ferimentos graves entre 17%-18% da amostra, e necessidade de consulta ou tratamento médico entre 13% e 18% da amostra.

Existe uma outra grande diferença, nomeadamente a forma como a sociedade dá resposta às vítimas homossexuais de violência nas relações íntimas (Madera & Toro-alfonso, 2005), situação essa que é agravada pela falta de recursos disponíveis como abrigos, aconselhamento especializado e apropriada resposta policial (Aulivola, 2004), ou seja, apesar de todas as similaridades referidas anteriormente, continua a haver necessidade de desenvolvimento de serviços adequados para as vítimas de violência entre pessoas do mesmo sexo (Brown, 2008; Richards et al., 2003). A todas estas situações há ainda a acrescentar os mitos (abordados noutra tópico da presente dissertação) em torno do fenómeno que levam à diferença no tratamento/intervenção e falta de reconhecimento da problemática (Potoczniak et al., 2003). É necessária proteção adequada e justa da vítima independentemente do sexo do agressor, e este não deverá ser menos condenável do que no contexto heterossexual (Aulivola, 2004). Tal como acontece no meio heterossexual, a violência na comunidade LGBT irá aumentar em termos de severidade e frequência sem uma intervenção efetiva (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011), pelo que é fundamental saber as diferenças e compreender o fenómeno, para assim se poder prevenir e intervir de forma mais adequada (Brown, 2008).

Capítulo II - Barreiras Legais e Não-Legais Incubadoras do Fenômeno

Vários são os motivos e os obstáculos que levam à dificuldade ou mesmo impossibilidade de uma vítima terminar uma relação e/ou procurar ajuda. Num primeiro plano temos as características e vontades pessoais que influenciam essa capacidade e posteriormente, os mitos existentes em torno da problemática e da resposta da sociedade ao fenômeno, seja por meio legal, como o sistema de justiça, como depois ao nível de cuidados de saúde e/ou especializados, que são bastante deficitários para dar resposta a esta população (Eliason, 1996; Peterman & Dixon, 2003; Potoczniak et al., 2003; Vickers, 1996).

Quem procura ajuda, seja ela informal ou formal, terá que provavelmente expor a sua orientação sexual, algo que teme porque poderá trazer várias implicações para a sua vida (Brown, 2008; Costa et al., n.d.; Potoczniak et al., 2003), o que torna a ponderação da denúncia e do abandono da relação ainda mais difícil (Carvalho et al., 2011). Todavia aparentam existir diferenças entre homens e mulheres, já que as vítimas *gays* são menos propensas que as vítimas lésbicas a reportar os incidentes de violência (Pattavina, Hirschel, Buzawa, Faggiani, & Bentley, 2007).

Depois de tomada a difícil decisão de término da relação, as vítimas podem encontrar enormes barreiras na procura e acesso à assistência de serviços sociais, de saúde, sistema de justiça entre outros (L.A. Gay & Lesbian Center, 2011), barreiras essas como a homofobia e heterossexismo e a sua externalização nesses mesmos serviços (e.g.: forças de segurança, médicos) que podem alterar a eficácia das proteções/sanções e serviços disponíveis para esta população (Murray et al., 2006/2007). Isto faz com que haja dificuldade em aceder aos referidos serviços (Ristock & Timbang, 2005), impedindo que as vítimas recebam tratamento igualitário (Burke et al, 2002; Seelau & Seelau, 2005; Potoczniak et al., 2003), o que por sua vez torna difícil reportar/denunciar o fenômeno, situação que se pode agravar ainda mais em casos que

as vítimas já tenham tido experiências discriminadoras por parte das mesmas entidades (Brown, 2008).

O preconceito existente contra os homossexuais afeta os casais de várias formas, isto porque podem ter dificuldade em encontrar apoios externos, tanto da família como de instituições (e.g., polícia, serviços legais e sociais, grupos especializados em violência doméstica, médicos e psicólogos). Para além deste preconceito das entidades, pode ainda associar-se a sua falta de experiência e conhecimento, primeiro, acerca de como trabalhar com esta parcela da população e suas necessidades e em segundo, como abordar/trabalhar a violência entre o casal homossexual (Avena, 2010; Nunan, 2004; Ristock & Timbang, 2005).

Para além destas limitações, as vítimas podem ainda não procurar ajuda por razões de índole social, política e/ou legais (Chan, 2004). Por exemplo, muitas, apesar da constante evolução/mudança das leis, podem não conhecer as alterações na mesma e acreditar que a lei não as protege (Rohrbaugh, 2006).

2.1. Os motivos que levam a vítima a permanecer na relação

Muitas vezes, questiona-se a razão por que alguém continua numa relação que por si só é violenta, ou como alguém se consegue sujeitar a algo tão feroz e humilhante com várias consequências emocionais e/ou físicas. Todavia para compreender a razão de porque tal acontece, nas relações heterossexuais como homossexuais, é necessário olhar para um quadro mais geral da vida da pessoa, e também compreender as dinâmicas inerentes ao fenómeno da violência nas relações íntimas.

As vítimas de abuso tendem a permanecer nos relacionamentos abusivos, por várias razões. Para conseguir abandonar o parceiro é necessário autoestima, coragem, confiança e apoio externo, elementos que certamente já foram destruídos pelo agressor (Avena, 2010; Nunan, 2004). Por vezes, engloba outro tipo de decisões difíceis, como deixar a residência,

objetos pessoais, emprego e cidade, isto porque muitos dos casais efetuam conjuntamente a gestão financeira, adquirindo bens, dificultando assim a situação de término (Avena, 2010; Nunan, 2004), ou até mesmo porque vivem dependente financeira e/ou emocionalmente do seu parceiro, já para não falar das situações em que existe filhos em comum (Nunan, 2004). Paralelamente, podem ter medo da solidão, ser ingênuos/inexperientes em relacionamentos íntimos, possuírem compromisso com o mesmo (Mena et al., 2005), minimizarem a gravidade da violência, sentirem que são culpados da agressão ou merecedores da mesma, pensarem que o parceiro os ama e que a violência diminuirá com o tempo (Nunan, 2004) e terem a esperança que o abusador mude (Costa, Machado, & Antunes, 2009; Mena et al., 2005).

No caso dos homossexuais, as dificuldades em abandonar o agressor são ainda maiores e ao contrário do esperado, os casais homossexuais envolvem-se tão intensamente como os casais heterossexuais e são capazes de estabelecer relações amorosas duradouras (Avena, 2010; Nunan, 2004). Ao invés do que acontece com os heterossexuais, os *gays* e lésbicas tendem a estar mais afastados das suas famílias e da sociedade devido ao preconceito e estigmatização da sua orientação sexual, dando ainda mais valor e fortalecendo os vínculos amorosos nos seus relacionamentos (Nunan, 2004), dado que muitas vezes os seus parceiros podem ser a sua única fonte de suporte emocional (Costa, Machado, & Antunes, 2009; Nunan, 2004). Assim, o terminar de uma relação poderá ser considerado um dos eventos mais marcantes e stressantes na vida dos homossexuais (Nunan, 2004).

Outro dos fatores que contribui para o silêncio das vítimas é a vergonha, como já foi abordado ao longo desta dissertação, nomeadamente a vergonha da possibilidade de *outing* (Brown, 2008; McClennen et al., 2002) caso a vítima tente deixar a relação (McLaughlin, & Rozee, 2001), isto porque divulgar a sua orientação sexual aos amigos, família, colegas de trabalhos, entre outros, é algo que a vítima teme (Avena, 2010; Kay & Jeffries, 2010). Como já foi referido, vivemos numa sociedade ainda homofóbica e heterossexista, o que contribui para

prender as vítimas às suas relações violentas (Kay & Jeffries, 2010), evitando assim que reportem essa mesma violência e/ou procurem ajuda (Monteiro & Sani, 2013; Vickers, 1996), isto porque infelizmente “Apesar da evolução dos tempos e das mentalidades, as sociedades atuais regem-se, ainda, por valores tradicionais, onde os papéis de género têm uma grande força na operacionalização social”(Monteiro & Sani, 2013, p.153). Para além da homofobia institucionalizada, a homofobia internalizada também possui impacto na vida da vítima, no sentido que reforça uma posição de subordinação e falta de esperança, surgindo igualmente como barreira na procura de ajuda (Antunes & Machado, 2004). Este tipo de auto preconceito gera ainda outro tipo de consequências, nomeadamente, uma identidade *gay* não positiva que contribui para a autoculpabilização da situação violenta e um sentimento de merecido castigo (Monteiro & Sani, 2013). Para além disto, muitas das vezes, as vítimas não abandonam as relações violentas porque tentam transparecer que a sua relação é perfeita por forma a compensar o estigma social em torno da homossexualidade e das relações homossexuais (Rohrbaugh, 2006).

Esta população raramente pode contar com o apoio da família porque esta não sabe da sua orientação sexual ou porque desaprova (Antunes & Machado, 2005; Costa, Machado, & Antunes, 2009; McKenry et al., 2006), dado que ao contar da sua relação abusiva poderá reforçar as visões negativas e hostis que a família e amigos têm sobre a homossexualidade (Antunes & Machado, 2005). E mesmo quando família e/ou amigos sabem da sua identidade sexual podem negar a realidade, criticar ou culpar a vítima da ocorrência e até encorajá-la a voltar para o perpetrador e resolver o problema com este, ou seja, podem não contar com o apoio dos mesmos, aliado ao fato da própria comunidade homossexual tender a negar a existência do fenómeno (Nunan, 2004; Vickers, 1996). Em ambos os casos (família e membros da comunidade e/ou comunidade homossexual) poderá existir ameaça ou de facto a perda real de suporte social como resultado da denúncia da violência (Antunes & Machado, 2005). No

caso das lésbicas, não ter a sua sexualidade assumida reduz a visibilidade da mulher nas relações do mesmo sexo e a exposição a modelos, o que poderá criar a sensação de que não tem mais opções, tornando-a mais tolerável aos abusos da parceira, além de que podem também ser relutantes em procurar ajuda para os problemas relacionados com a violência doméstica (Balsam & Szymanski, 2005). No fundo, não ter a sua sexualidade revelada significa em muitos casos não ter contacto com outras lésbicas ou com a comunidade lésbica, não ter alguém com quem confidenciar, originando o isolamento e falta de recursos de apoio o que influencia a forma como estas respondem à violência (Irwin, 2008). De igual modo, este facto referente aos casais de lésbicas, aplica-se também aos casais de *gays*.

Outras das razões que poderão contribuir para o facto das vítimas não recorrerem a ajuda é residirem em localizações geográficas isoladas da comunidade, desconhecerem a existência de outros *gays* e lésbicas ou porque consideram que é um problema privado (Donovan et al., 2006). De referir também o facto de possuírem medo das consequências da denúncia (Antunes & Machado, 2005; Costa, Machado, & Antunes, 2009; Peterman & Dixon, 2003), nomeadamente possível retaliação por parte do abusador (Richards et al., 2003), isto porque mesmo que o casal viva em grandes centros urbanos, a comunidade homossexual é por norma pequena, o que impossibilita a privacidade e conseqüente abandono do agressor, visto que este pode facilmente encontrar a vítima (Nunan, 2004).

Quanto a estudos que analisem as razões do motivo do silêncio da vítima e/ou porque estas não deixam o relacionamento abusivo, existem vários, sendo na maioria realizados com amostras de lésbicas, por exemplo: Patzel (2006) no seu estudo com 10 mulheres heterossexuais e 20 lésbicas encontrou similaridades entre os grupos acerca do motivo de permanecerem na relação: (a) fortes sentimentos pelo agressor; (b) experiências de abuso em criança ou história de abusos em relações anteriores; (c) as próprias dinâmicas do abuso; (d) dificuldade em definir o comportamento do seu parceiro como abusivo e (e) influências

situacionais. No seu estudo, Irwin (2008) com 21 entrevistadas, verificou que muitas permaneceram no silêncio porque encaravam a violência doméstica como um problema heterossexual que não as afetava, ou porque acreditavam que não acontecia nas relações lésbicas, ou até porque não acreditavam que a mulher podia ser violenta. Hardesty, Oswald, Khaw e Fonseca (2011) no seu estudo que incluía 24 mães que foram abusadas pela parceira, as participantes afirmavam que se tornaram intolerantes à situação e resolveram procurar ajuda para o problema quando observaram que o aumento de severidade de violência afetou negativamente a sua saúde e/ou segurança, quando sentiram um sentimento profundo de cansaço físico e emocional e reconheceram que estava afetar negativamente os seus filhos. No seu estudo, Walters (2011), verificou que as lésbicas vítimas mantiveram o silêncio porque sentiram-se isoladas e impotentes devido à falta de reconhecimento e apoio acerca da violência nas suas relações íntimas pela sua família e comunidade, e os seus esforços para lidar ou fugir da violência foram dificultados pela presença de homofobia e heterossexismo tanto dentro como fora da comunidade lésbica. Por último, no estudo de Renzetti (1988), 50% das participantes afirmou que vivia com a agressora e que se manteve na relação violenta porque não tinha para onde ir, 64% manteve porque não sabia onde ou como procurar ajuda, 88% diz ter-se mantido na relação abusiva porque amava a parceira, 87% referiu que acreditava que a parceira podia mudar e 82% achava que poderia/conseguiria mudar a parceira.

Existem menos estudos realizados com uma amostra de população LGBT e/ou apenas *gays*, no entanto de referir, o estudo de Donovan e colaboradores (2006), no qual os seus participantes LGBT enfrentaram vários problemas na procura de ajuda para as suas relações abusivas, o que fez com que muitos poucos falassem/reportassem as suas experiências a alguém ou alguma entidade/agência. Além disso, percecionavam o problema como pertencente às mulheres heterossexuais, pelo que muitos não entenderam as suas experiências como dinâmicas violentas. Aqueles que decidiram falar/reportar a alguém é mais provável que o tenham feito a

amigos, família ou conselheiros/terapeutas. Kay e Jeffries (2010) entrevistaram técnicos que trabalhavam com homens vítimas de relações homossexuais, e de acordo com as suas experiências, as vítimas não terminavam o relacionamento violento devido ao amor que nutriam pelo parceiro, esperança que este mudasse, vergonha e falta de suporte social. Além disso culpam-se muitas das vezes pela violência ocorrida. Tudo isto contribui para que a vítima se sinta sozinha e isolada, tornando-se por sua vez mais dependente do seu parceiro e isolada dos serviços de apoio.

Assim, todas estas situações mencionadas constituem-se barreiras que contribuem para a manutenção do silêncio das vítimas nas relações íntimas violentas, silêncio esse que permite que a mesma continue a ser perpetrada (Vickers, 1996), e que revitimiza a vítima e fortalece o agressor (Ohms, 2008). Além do mais, como já referido, mesmo que, depois de enfrentar todos estes obstáculos, a vítima decida abandonar a relação, é muito provável que esta ainda tenha que lidar com psicólogos, assistentes sociais, médicos, advogados, juízes e polícias possivelmente preconceituosos, dada a inexistência de serviços especializados para atender às necessidades desta população (Nunan, 2004).

2.2. Mitos em torno da problemática

Os mitos não são exclusivos à comunidade heterossexual, já que poderão também ser interpretados/incorporados por todos os indivíduos, incluindo os próprios *gays*, *lésbicas* e *bissexuais* (Potoczniak et al., 2003). É importante reconhecer a existência e o impacto que traz à relação, dado que, os mitos dificultam as vítimas a procurar ajuda e a sociedade a promover serviços adequados para esta população (Brown, 2008; Nunan, 2004).

Entre os vários mitos existentes, os principais são que a violência é sempre cometida por um homem contra uma mulher (Aulivola, 2004; Avena, 2010; Kay & Jeffries, 2010; Nunan, 2004); a duração dos relacionamentos é curta (Avena, 2010); os homossexuais têm mais

facilidade em abandonar a relação do que os heterossexuais (Nunan, 2004); que as relações homossexuais tendem a ser igualitárias e imunes à violência (Antunes & Machado, 2004); e que a violência entre pessoas do mesmo sexo está associada ao abuso mútuo (Peterman & Dixon, 2003), como irei explicitar de seguida.

O primeiro dos mitos baseia-se nos pressupostos de que os homens nunca são vítimas de violência e de que as mulheres não são violentas (Nunan, 2004). De referir que ambos os pressupostos estão errados, sendo assim um reflexo dos esterótipos acerca dos papéis de género. No seu estudo, Hassouneh e Glass (2008) estudaram a influência do papel dos estereótipos de género com 52 mulheres com experiências de violência, dividindo as suas conclusões em quatro grandes temas: *girls don't hit other girls, the myth of a lesbian utopia, cat fight, and playing the feminine victim*.

No primeiro tema, a crença de que as mulheres são naturalmente não violentas influenciou as experiências das mulheres em dois aspetos, primeiro tornou difícil reconhecerem a violência no seio da sua relação com outras mulheres e segundo, tornou difícil encontrarem serviços que trabalhem com a problemática na comunidade e que tenham noção das suas necessidades. No segundo tema, a mulher é tida como passiva, delicada, amável (Irwin, 2008) e não violenta e o homem visto como dominante, agressivo, forte e até violento, sendo este um traço biológico segundo o movimento feminista (Hassouneh & Glass, 2008), contribuindo assim para o mito entre as lésbicas, feministas e a comunidade lésbica que as mulheres não são oprimidas e certamente não agredidas por outras mulheres. Isto vem reforçar os papéis tradicionais estereotipados de género de que a mulher não é violenta, diminuindo a probabilidade, caso sejam agredidas pelas suas parceiras, de reconhecerem a relação como violenta. No terceiro tema, inerente aos dois anteriores, surge a visão de que duas mulheres não podem realmente magoar-se uma à outra (Elliot, 1999; Merrill, 1999, citados por Hassouneh & Glass, 2008) porque não são grandes e fortes o suficiente para causar danos sérios (McLaughlin

& Rozee, 2001), resultando na visão de que a violência entre mulheres é de alguma forma menos séria do que nos homens e não perigosa (Hassouneh & Glass, 2008). Contribui ainda para uma visão de que a violência é tida como uma histeria e falta de controlo emocional por parte das mulheres, o que aumenta a tendência para minimizar a seriedade da mesma, em alguns casos mesmo vista como engraçada e divertida (Hassouneh & Glass, 2008). Contudo a mulher pode perpetrar os mesmos tipos de violência que os agressores masculinos (Walters, 2011). O último tema, tendo em conta os estereótipos de género acerca da violência nas relações íntimas, nomeadamente, de que os homens é que são agressores, pode tornar difícil identificar o perpetrador num relacionamento lésbico. No estudo mencionado, as mulheres perpetradoras tendo noção dessa dificuldade, usaram isso como vantagem, fazendo-se passar por vítimas, principalmente quando a polícia era chamada ao incidente, tornando-se uma técnica eficaz pelas perpetradoras para evitar a prisão. Por um outro lado, existem ainda outros mitos, nomeadamente que o comportamento violento de homens *gays* num relacionamento íntimo é lógico porque todos os homens são propensos a ser violentos nas relações (Brown, 2008). Os papéis de género também têm influência ao reportar os incidentes violentos, isto porque torna o relato das mulheres vítimas mais fácil, comparativamente aos homens (Turell, 2000).

Quanto ao segundo e terceiro mito, como já foi referido na presente dissertação, a duração e comprometimento das relações homossexuais é semelhante se não ainda mais duradoura e vinculativa comparativamente aos casais heterossexuais. Afirmações como: os *gays* e lésbicas são promíscuos, não possuem relacionamentos duradouros (Aulivola, 2004) e que os relacionamentos são sexuais e não amorosos é mito (Nunan, 2004), pois estes casais possuem um relacionamento que funciona da mesma forma e com a mesma duração que nos casais heterossexuais (Aulivola, 2004).

Em relação ao quarto mito, nomeadamente que as relações homossexuais tendem a ser igualitárias e imunes à violência assenta na visão de que as relações homossexuais são

simétricas e equilibradas em termos de poder (Topa, 2009), ou seja, caso exista um episódio de violência este tende a ser considerado como um confronto justo (Nunan, 2004). Esta visão é errada, sendo que o fenómeno resulta das diferenças de poder entre géneros, isto porque “Mesmo quando duas pessoas são do mesmo género, diferenças de poder (derivadas, por exemplo, da dinâmica inerente à relação, status financeiro, classe social, escolaridade, raça, grau de assunção da homossexualidade ou contaminação pelo vírus do HIV), existem e podem ser usadas como mecanismos para controlar o parceiro” (Nunan, 2004, p.10). Estes desequilíbrios de poder, luta pelo controlo e dominação do parceiro estão assim associado à violência (Lockhart, White, Causby, & Isaac, 1994), mostrando que a tradicional conceção da violência doméstica enquanto violência de género (homem sobre a mulher) necessita de ser reenquadrada (Topa, 2009)

Por último, em relação ao abuso mútuo, esta visão contribui para que as vítimas sejam rejeitadas quando pedem ajuda aos profissionais (McClennen, 2005). Os estudos sugerem que as vítimas oscilam entre um *continuum* entre serem fisicamente passivas e reagir de forma agressiva em legítima defesa, mas não iniciam a violência nem a usam para controlar o parceiro/a (Rohrbaugh, 2006). Para identificar a vítima e o agressor em qualquer relação é necessário ter em conta as características de ambos e a história de abuso na relação (Rohrbaugh, 2006). E além disso, muitas vezes a legítima defesa é confundida com abuso mútuo. Alguns estudos têm analisado este fenómeno, por exemplo Stanley e colaboradores (2006) verificaram que em 47 das 69 relações, um ou os dois membros foram violentos, sendo que neste contexto 20 mencionaram violência unidirecional e 27 bidirecional. A violência verbal recíproca é especialmente forte, descrita em quase todos os incidentes. Ristock (2003) verificou que 9% das participantes refere lutar contra a parceira com a intenção de magoar a mesma e retaliar, 20% refere lutar em legítima defesa e 11% refere lutar de volta com objetivo de terminar a relação. Wu e colaboradores (2014) no seu estudo verificaram que de uma amostra de 28

participantes, 24 experienciaram vitimação e perpetração de violência, 2 apenas experienciaram violência e 2 perpetraram. Em suma, aparentemente as vítimas de relações do mesmo sexo tendem a defender-se mais do que as vítimas femininas nas relações heterossexuais (Rohrbaugh, 2006), contudo adotar comportamentos em legítima defesa poderá fazer a vítima sentir-se culpada em assumir os mesmos (McLaughlin, & Rozee, 2001). De referir que o abuso tende a ser mais severo em situações que que a violência é mútua, talvez porque a probabilidade de escalada da violência, tendo em conta o contexto, seja maior (Bartholomew, Regan, White, & Oram, 2008). Vale a pena ainda mencionar que apesar de alguém poder ser vítima e em algum momento ser perpetrador não implica necessariamente abuso mútuo (Costa, Machado e Antunes, 2009).

2.3. Obstáculos encontrados no sistema de justiça

O sistema de justiça envolve todos os aspetos do sistema legal, desde os representantes do governo a quem escreve as leis, aos agentes policiais que aplicam/recorrem a essa lei e juízes que a interpretam. No entanto, todos possuem potencial de demonstrar preconceitos relativamente à violência entre pessoas do mesmo sexo nas relações de intimidade (Murray et al., 2006/2007), o que pode fazer com que as vítimas não procurem ajuda do sistema de justiça (Vickers, 1996). Alguns estudos revelam que o sistema legal não oferece proteção igualitária às vítimas de violência de relações homossexuais e heterossexuais apesar das vítimas e todo o tipo de abusos a que estão sujeitas pertencerem ao mesmo enquadramento legal (Murray et al., 2006/2007), sendo por vezes a própria polícia a reforçar os preconceitos homofóbicos (Monteiro & Sani, 2013).

A natureza da relação é muitas vezes mal interpretada, minimizada ou negada logo ao primeiro encontro com o sistema legal, por norma, pelos polícias (Murray et al., 2006/2007), pelo que o sistema por vezes tem a visão de que a vítima é culpada pelo que aconteceu, e não

terminou a relação porque não quis (Kuehnle & Sullivan, 2003). Os agentes que formam este meio, ou seja, forças de segurança, advogados, juízes, entre outros, possuem também crenças quanto aos papéis de gênero (Seelau & Seelau, 2005). Estes percebem que a problemática é menos grave ou não é digna da mesma intervenção que é feita em casais heterossexuais (Seelau & Seelau, 2005). Estes autores, no seu estudo, concluíram que a violência entre homem-mulher é encarada de forma mais séria e grave do que mulher-homem, homem-homem ou mulher-mulher, sendo que os casos com agressoras femininas tendem a ser minimizados pelos membros de justiça e percebidos como menos ameaçadores. De mencionar ainda também os estereótipos presentes neste meio, tais como a feminização dos parceiros homens, masculinização das lésbicas e a caracterização das relações homossexuais como promíscuas e pouco duradouras (Younglove et al., 2002), ideias/mitos erógenos que podem influenciar a resposta de um polícia numa situação de violência entre parceiros íntimos, isto é, um agente de autoridade age de acordo com a sua percepção pessoal o que influencia a sua resposta. Assim, conseguir injunções, detenções ou ordens de restrição contra o parceiro violento é um grande obstáculo já que, além das limitações anteriormente mencionadas, é também frequentemente visto como um fenómeno de violência mútua (Vickers, 1996) ou como algo que não existe entre duas pessoas do mesmo sexo, levando a vítima a desacreditar no sistema (Monteiro & Sani, 2013). Esta desigualdade de tratamento pelas forças de segurança é em parte o espelho da sociedade homofóbica e ignorante acerca do tema (Younglove et al., 2002).

Assim, as vítimas homossexuais tendem a não reportar o abuso à polícia por várias razões: (a) não acreditam que a polícia as irá ajudar; (b) têm medo do comportamento de retaliação; (c) não querem trazer consequências ao abusador e (d) acham que é um assunto privado (Greenfield & Rand, 1998, citados por Kuehnle & Sullivan, 2003). Como já referido várias vezes, além destes motivos, as vítimas enfrentam obstáculos adicionais, como por exemplo ameaça de *outing* (Kuehnle & Sullivan, 2003; Pattavina et al., 2007), fatores estes que

podem dissuadir a vítima de reportar os incidentes violentos à polícia (Kuehnle & Sullivan, 2003).

Ao nível da literatura, existem alguns estudos têm analisado estas questões anteriormente abordadas, por exemplo: Younglove e colaboradores (2002), no seu estudo foram analisar as percepções dos polícias acerca da violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo. Com uma amostra de 85 polícias com uma média de 11 anos de profissão (mas com diferentes níveis de experiência no que se refere à resposta a situações de violência doméstica), os autores não encontraram diferenças nas percepções dos polícias acerca da violência doméstica com base na orientação do casal, contudo estes resultados devem ter lidos com cautela, com várias possíveis limitações. Burke e colaboradores (2002), no seu estudo com 72 indivíduos, *gays* e *lésbicas*, venezuelanos e americanos, verificaram que 29.73% e 28.57, respetivamente, apresentavam desconfiança em relação às forças de segurança mas que isso não os impediria de denunciar um incidente; já no caso da não confiança nos tribunais, cerca de 50% dos participantes disse que esse facto os impediria de reportar os incidentes, nomeadamente 61.11% dos venezuelanos e 40.0% dos americanos. No seu estudo, Kay e Jeffries (2010) relatam que os homens raramente chamam a polícia e comumente só procuram ajuda em casos de extrema violência, isto porque temem atitudes homofóbicas por parte das forças de segurança; no estudo de Pattavina e colaboradores (2007), ao analisarem uma base de dados dos incidentes reportados à polícia, concluíram que de 176.488 incidentes entre parceiros íntimos, 50% resultou em prisão. É importante salientar ainda que de todos os incidentes, 99% envolveram casais heterossexuais (175.411) e menos de 1% parceiros do mesmo sexo (1.077). Os incidentes entre casais homossexuais têm a mesma probabilidade de resultar em prisão (50%) comparativamente aos casais heterossexuais (50%). Os incidentes envolvendo vítimas masculinas têm maior probabilidade de resultar em prisão do que envolvendo vítimas femininas (53% vs 49%). Ou seja, este estudo revela que aparentemente são pequenas as diferenças na

resposta policial à violência com pessoas do mesmo sexo e de sexo oposto; e por último, Henderson (2003), no seu estudo verificou que a maioria das mulheres e dos homens que foi abusada não o reportou à polícia (86.9% vs 81.2%). No caso das mulheres apenas 13.1% reportou o abuso e 3.8% reportou mais de que uma vez, já nos homens, apenas 18.8% reportou o abuso e 5.3% reportou mais de que uma vez.

Em suma, a população pode enfrentar vários obstáculos, e quando recorre à ajuda legal, pode encarar uma segunda vitimização, a do preconceito e homofobia espelhada pela massa humana constituinte do sistema. Assim os agentes de autoridade, advogados e juízes deverão estar informados e formados acerca das especificidades da violência doméstica, já que todas as partes interpretam um papel fundamental (Williamson, 2012).

2.4. Obstáculos encontrados nos serviços de saúde/especializados

A literatura descreve vários potenciais obstáculos encontrados na eficácia da prestação de serviços à comunidade LGBT por organizações médicas e de saúde mental (Murray et al., 2006/2007), entre as quais, a preocupação e sensibilidade mínima dos prestadores de cuidados, assunções sobre homossexualidade, negação ou encaminhamento dada a orientação sexual ou mesmo a exploração inadequada das necessidades dos clientes LGBT, tanto no contexto clínico como de investigação (Spinks, Andrews, & Boyle, 2000, citado por Murray et al., 2006/2007). Estes problemas podem diminuir a probabilidade dos membros da comunidade LGBT procurarem ajuda, tanto para problemas de foro mental como físico (Cook-Daniels, 1997, citado por Murray et al., 2006/2007).

Atitudes homofóbicas por parte dos profissionais de saúde mental podem ter implicações prejudiciais no tratamento de *gays* e lésbicas, isto porque profissionais que possuam atitudes negativas, estereótipos e/ou outros em relação à homossexualidade podem não realizar o seu melhor trabalho (Brown & Groscup, 2008), ou seja, irá afetar o tipo de

assistência recebida, como prestar maus cuidados de saúde ou até negar a prestação dos mesmos (Eliason, 1996).

Um outro problema identificado na comunidade científica refere-se ao facto de muitos dos abrigos para vítimas de violência doméstica não providenciarem serviços para vítimas de relações com pessoas do mesmo sexo (Kuehnle & Sullivan, 2003) e serviços existentes/disponíveis para mulheres heterossexuais vítimas não são percebidos como disponíveis pelos homossexuais (Antunes & Machado, 2005), criando a impressão de que apenas são úteis e disponíveis para as pessoas heterossexuais (Ristock & Timbang, 2005). Tal facto significa que existem diferenças na proteção legal e serviços na comunidade para este tipo de vítimas (Brown & Groscup, 2008), quando ambos possuem os mesmos direitos legais (Kuehnle & Sullivan, 2003). De referir que também a comunidade *gay* e lésbica oferece poucos recursos em resposta à problemática (McLaughlin, & Rozee, 2001). Assim, tanto as lésbicas como os *gays* que são vítimas, muitas das vezes não conseguem encontrar abrigos que os admitam/ajudem, o que aumenta a probabilidade de que estes retornem ou permaneçam na relação, nas quais estão vulneráveis a futuros episódios de violência e a remeterem-se ao silêncio (McClennen, 2005; Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2004).

No que se refere ao contexto português, existe um investimento no sentido de fornecer meios que prestem apoio à população LGBT, por exemplo: a APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), que em 2008 realizou uma campanha que retratou o tema da violência nas relações homossexuais; a Associação ILGA Portugal que investiu na área de formação junto das forças policiais e criou um serviço telefónico de apoio e informação para a população LGBT, que funciona desde 2011 e pelo qual se pode expor as denúncias de violência; e ainda pelo PortugalGay.Pt igualmente com um número telefónico, a funcionar desde 2004, no qual também se pode expor as denúncias de violência (Santos, 2006).

II – Estudo Empírico

Capítulo III - Caracterização e Prevalência da Violência em Casais de *Gays*, Lésbicas e Bissexuais

A invisibilidade deste fenómeno e o foco de pouca atenção a que tem sido sujeito são motivos de preocupação, isto porque não permite conhecer a real prevalência do problema, as dinâmicas violentas existentes, as dificuldades encontradas pela população na procura de ajuda e as diferenças entre os grupos. Assim sendo torna-se difícil reformular determinadas formas de ação tendo em conta as diferentes necessidades ou cuidados destes grupos. O presente estudo pretende colmatar algumas dessas lacunas na investigação nacional.

3.1. Objetivos do estudo

O presente trabalho apresenta um estudo de carácter qualitativo e descritivo que teve como objetivo geral analisar a prevalência da violência e as características violentas nos casais de *gays*, lésbicas e bissexuais, comparando os grupos entre si. Mais especificamente, pretende-se identificar os vários tipos de violência e prevalência da mesma nos três grupos, enquanto vítimas e perpetradores, nas relações passadas e presentes. Pretende-se ainda realizar uma análise aos aspetos associados ao fenómeno da violência caracterizando tais relacionamentos, comparando os grupos entre si, tanto no papel de vítimas como de perpetradores, nos relacionamentos passados e presentes.

3.2. Método

Este é um estudo com um *design* exploratório, dado a escassa literatura nacional que estuda esta população e inexistente no que respeita à comparação dos grupos entre si.

3.2.1. Participantes

Neste estudo participaram 83 indivíduos, recolhidos de uma amostra *online*, sendo que existiam critérios de inclusão, nomeadamente ter no mínimo 18 anos e estar ou ter estado numa relação amorosa com uma pessoa do mesmo sexo. Assim cumpridos estes requisitos, apenas foram integrados no estudo aqueles que se autopercecionaram como sendo *gays*, *lésbicas* ou *bissexuais*, pelo que a amostra final foi de 74 participantes. Tendo em conta os objetivos do estudo, esta foi dividida em três grupos, *gays* (n=49), *lésbicas* (n=14) e *bissexuais* (n=11).

Relativamente à amostra dos *gays*, estes possuem idades compreendidas entre 19 e 85 anos ($M=29.88$; $DP= 12.38$) (cf. Tabela 1), sendo que 48 (98%) são de nacionalidade portuguesa e 1 (2%) angolana (cf. Tabela 2). A maioria, 23 (53.1%), reside na zona sul do país, 15 (30.6%) na zona norte e 3 (6.1%) na zona centro. Em termos de habilitações, 36 (73.5%) possui formação superior e 13 (26.5%) o ensino secundário. Quanto à profissão, 20 (40.8%) pertence a quadros superiores e de chefia, 14 (28.6%) encontra-se noutra situação, por exemplo estudantes ou reformados, 6 (12.2%) trabalha na área dos serviços, 5 (10.2%) encontram-se desempregados e 4 (8.2%) pertencem a profissões intermédias. Mais de metade da amostra, 28 (57.1%), descreve-se como pertencente à classe média, 9 (18.4%) à classe média-baixa, 7 (14.3%) à classe média-alta, 3 (6.1%) à classe baixa e 2 (4.1%) à classe alta. Da totalidade da amostra, 37 (75.5%), encontra-se atualmente numa relação amorosa, sendo que a duração da mesma varia entre um mês e vinte anos ($M= 40.83$; $DP= 59.89$) (cf. Tabela 1).

Quanto à amostra das *lésbicas*, estas possuem idades compreendidas entre os 21 e 52 anos ($M=32.36$; $DP= 10.32$) (cf. Tabela 1). São na totalidade de nacionalidade portuguesa, sendo 5 (35.7%) residentes na zona norte do país, 5 (35.7%) na zona sul e apenas 2 (14.3%) na zona centro (cf. Tabela 2). Quanto às habilitações, 12 (85.7%) possuem formação superior e 2 (14.3%) possuem o atual ensino obrigatório. Ao nível da profissão, 7 (50%) fazem parte de quadros superiores e de chefia, 4 (28.6%) estão noutra situação (e.g. estudantes/reformados), 2

(14.3%) na área dos serviços e 1 (7.1%) em profissões intermédias. Do total da amostra das lésbicas, 8 (57.1%), identifica-se como fazendo parte da classe média, 4 (28.6%) da classe média-baixa e 2 (14.3%) da classe média-alta. A totalidade da amostra encontra-se atualmente numa relação, sendo que a duração da mesma varia entre 6 meses e nove anos e dois meses ($M=47.08$; $DP=32.17$) (cf. Tabela 1).

Por último, em relação aos bissexuais, estes possuem idades compreendidas entre os 20 e 39 anos ($M=25.18$; $DP=6.27$) (cf. Tabela 1), sendo 8 (72.7%) do sexo feminino e 3 (27.3%) do sexo masculino. A totalidade da amostra é de nacionalidade portuguesa, em que 5 (45.5%) residem na zona norte do país, 4 (36.4%) na zona sul e 1 (9.1%) na zona centro (cf. Tabela 2). Em termos de habilitações, 7 (63.6%) possuem formação superior e 4 (36.4%) o atual ensino obrigatório. Ao nível profissional, 5 (45.5%) pertencem a quadro superiores e de chefia, 4 (36.4%) encontram-se noutra situação, isto é, reformados ou estudantes, e 2 (18.2%) em profissões intermédias. Relativamente à classe social, 4 (36.4%) descrevem-se como pertencendo à classe social média-baixa e outros 4 (36.4%) à classe média, e 3 (27.3%) como pertencente à classe média-alta. Do total de participantes bissexuais, 8 (72.7%) encontram-se atualmente numa relação amorosa, sendo que a duração desta varia entre dois meses e nove anos ($M=34.63$; $DP=33.31$) (cf. Tabela 1).

Tabela 1

Caracterização da média e desvio padrão da idade e tempo de relacionamento dos participantes

Item	Gays (n=49)		Lésbicas (n=14)		Bissexuais (n=11)	
	M	DP	M	DP	M	DP
1) Idade	29.88	12.38	32.36	10.32	25.18	6.27

Item	Gays (n=37)		Lésbicas (n=14)		Bissexuais (n=8)	
	M	DP	M	DP	M	DP
9) Tempo de relacionamento	40.83	59.89	47.08	32.17	34.63	33.31

Tabela 2

Caraterização dos dados sociodemográficos dos participantes

Itens	Gays (n=49)		Lésbicas (n=14)		Bissexuais (n=11)		
	n	%	n	%	n	%	
2) Sexo	Masculino	49	100	-	-	3	27.3
	Feminino	-	-	14	100	8	72.7
3) Nacionalidade	Portuguesa	48	98	14	100	11	100
	Angolana		2	-	21.4	-	-
4) Distrito de Residência	Zona Norte	15	30.6	5	35.7	5	45.5
	Zona Centro	3	6.1	2	14.3	1	9.1
	Zona Sul	23	53.1	5	35.7	4	36.4
5) Habilitações Literárias	Secundário	13	26.6	2	14.3	4	36.4
	Ensino Superior	36	73.5	12	85.7	7	63.3
6) Profissão	Quadro Superiores e de Chefia	20	40.8	7	50	5	45.5
	Profissões intermédias	4	8.2	1	7.1	2	18.2
	Serviços	6	12.2	2	14.3	-	-
	Desempregado	5	10.2	-	-	-	-
	Outra	14	28.6	4	28.6	4	36.4
7) Classe social	Classe alta	2	4.1	-	-	-	-
	Classe média-alta	7	14.3	2	14.3	3	27.3
	Classe média	28	57.1	8	57.1	4	36.4
	Classe média-baixa	9	18.4	4	28.6	4	36.4
	Classe baixa	3	6.1	-	-	-	-
8) Relação amorosa	Sim	37	75.5	14	100	8	72.7
	Não	12	24.5	-	-	3	27.3

3.2.2. Instrumento

O instrumento utilizado para a realização da presente investigação foi o “Violence and Abuse in Same-Sex Relationships” (Noret & Richards, 2003; tradução efetuada por Domingues, Sani & Soeiro, 2014), questionário que resulta da pesquisa e revisão de literatura realizada pelos autores originais, por forma a tentar superar os problemas metodológicos até então detetados em investigações semelhantes. Este é constituído, na versão portuguesa, por 51 questões e o seu preenchimento não deverá demorar mais que quinze minutos. É ainda dividido em duas partes, uma primeira relativamente a comportamentos aos quais o participante tenha sido vítima quer na presente relação ou em relações passadas, e uma segunda, relativa aos comportamentos enquanto perpetrador, igualmente na atual relação e em relações passadas. Este é um instrumento que detém vários tipos de questões e caracteriza-se essencialmente por uma valência qualitativa e descritiva, mas também quantitativa.

3.2.3. Procedimento

Inicialmente procedeu-se à elaboração de um protocolo de investigação para que este fosse analisado e validado pela Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa. Após esta fase, procedeu-se à tradução do instrumento a utilizar, visto que este ainda permanecia na sua forma original. Na sua tradução, foram alterados alguns itens, nomeadamente quanto a questões relacionadas com dados sociodemográficos, pelo que a sua versão final ficou constituída por 51 questões, ao passo que a versão original detém 50 questões. Este questionário, posteriormente, foi colocado em formato digital, para que pudesse ser preenchido *online*, tendo sido realizado um teste piloto. Após a versão final estar concluída, procedeu-se à sua divulgação através de contactos de *e-mail* pessoais (método bola-de-neve), formulou-se pedidos de colaboração a várias entidades/associações que diretamente ou indiretamente trabalham com

esta população e ainda a associações/núcleos de estudantes, que difundiram através dos seus e-mails, fóruns e/ou redes sociais.

O questionário encontrou-se disponível para preenchimento *online* entre o mês de novembro de 2014 e março de 2015, sendo que este continha uma secção informativa acerca dos objetivos do estudo e critérios para poder participar no mesmo. Para responder era necessário o consentimento dos participantes, sendo sempre garantida a confidencialidade e anonimato dos dados fornecidos. Após este período, a recolha de amostra foi encerrada no sentido de se poder dar início ao processamento estatístico dos dados e análise dos resultados.

Quanto às respostas obtidas, só foram validados os inquéritos nos quais os participantes se auto percecionavam como sendo *gays*, lésbicas ou bissexuais. Participantes que se tenham identificado como heterossexuais foram excluídos pelo facto de não estar ao alcance do investigador conseguir controlar se estes entenderam os critérios de inclusão, ou por outro lado, identificavam-se como heterossexuais apesar de estarem ou ter tido no passado uma relação amorosa com uma pessoa do mesmo sexo. Por estes motivos, estes foram excluídos da amostra final.

3.3. Análise de dados

Tendo em vista os objetivos do presente trabalho, os resultados encontram-se divididos em duas partes, uma primeira onde analisamos a prevalência dos comportamentos abusivos, na perspetiva de vitimação e de perpetração, e uma segunda, onde analisamos algumas características e dinâmicas da violência entre os casais igualmente em duas diferentes perspetivas, nomeadamente na de comportamentos de vitimação e de perpetração. Em ambos os casos sempre referente às relações passadas e presentes.

Desta forma, e tendo por base estes objetivos, para a realização das análises estatísticas descritivas efetuadas recorreu-se ao programa informático IBM SPSS 18 (*Statistical Package for the Social Sciences*). Em primeiro lugar procedeu-se a análise exploratória das características sociodemográficas da amostra e posteriormente das respostas/resultados obtidos no questionário. Para facilitar a leitura e interpretação dos dados procedeu-se ao enquadramento das condutas abusivas pelas respetivas tipologias de violência.

3.3.1. Prevalência da violência

Quanto aos comportamentos de vitimação como de perpetração, estes foram divididos em cinco tabelas diferentes, representando a frequência da violência física, violência sexual, violência socioeconómica, comportamento de *outing* e violência psicológica/emocional.

3.3.1.1. Comportamentos de vitimação

Quanto aos tipos de violência de que foram vítimas nas relações passadas, 32.7% dos *gays*, 42.9% das lésbicas e 27.3% dos bissexuais refere ter sofrido pelo menos um ato de violência física. Quanto às relações amorosas no presente, as percentagens são bastante inferiores, sendo que 10.8% dos *gays*, 21.4% das lésbicas e 12.5% dos bissexuais mencionam este tipo de violência. Em ambas as situações, nomeadamente nos relacionamentos passados e atuais, os comportamentos mais referidos são “atirar objetos”, “empurrar” e “dar uma chapada”, transversalmente aos três grupos (cf. Tabela 3).

Tabela 3

Frequência dos atos de violência física de que foi vítima

Comportamentos	<i>Gays</i> (<i>n</i> =49)				Lésbicas (<i>n</i> =14)				Bissexuais (<i>n</i> =11)			
	Relação Passada		Relação Atual		Relação Passada		Relação Atual		Relação Passada		Relação Atual	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Bater	4	8.1	1	2.7	3	21.4	-	-	1	9.1	-	-
Dar murros	2	4.1	1	2.7	-	-	-	-	-	-	-	-
Atirar objetos	8	16.2	2	5.4	6	42.8	2	14.3	2	18.2	1	12.5
Dar pontapés	3	6.2	1	2.7	1	7.1	-	-	-	-	-	-
Empurrar	10	20.4	1	2.7	4	28.5	2	14.3	2	18.2	1	12.5
Dar uma chapada	9	18.4	2	5.4	2	14.3	-	-	2	18.2	1	12.5
Sufocar	2	4.1	1	2.7	-	-	-	-	-	-	-	-
Atingir com objetos	3	6.1	1	2.7	1	7.1	-	-	1	9.1	-	-
Cortar com um objeto afiado	1	2.0	1	2.7	-	-	-	-	1	9.1	-	-
Trancá-lo(a) no quarto ou em casa	3	6.1	1	2.7	-	-	-	-	-	-	-	-
Trancá-lo(a) fora de casa	2	4.0	2	5.4	2	14.3	-	-	-	-	-	-
Pelo menos um ato de violência física	16	32.7	4	10.8	6	42.9	3	21.4	3	27.3	1	12.5

Relativamente à violência sexual, pelo menos um ato deste teor, é referido por 10.2% dos *gays*, 14.3% das lésbicas e por nenhum bissexual, relativamente as relações no passado. Na atual relação as percentagens diferem, sendo referida por 2.7% dos *gays*, 7.1% das lésbicas e novamente, por nenhum bissexual. Ao nível dos comportamentos característicos deste tipo de violência não existe um comportamento que se destaque, sendo os mencionados em idêntica frequência (cf. Tabela 4).

Tabela 4

Frequência dos atos de violência sexual de que foi vítima

Comportamentos	<i>Gays</i> (<i>n</i> =49)				<i>Lésbicas</i> (<i>n</i> =14)				<i>Bissexuais</i> (<i>n</i> =11)			
	Relação Passada		Relação Atual		Relação Passada		Relação Atual		Relação Passada		Relação Atual	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Forçar a ter relações sexuais contra a sua vontade	4	8.2	1	2.7	1	7.1	-	-	-	-	-	-
Forçar a ter relações sexuais sem proteção	3	6.0	1	2.7	1	7.1	1	7.1	-	-	-	-
Pelo menos um ato de violência sexual	5	10.2	1	2.7	2	14.3	1	7.1	-	-	-	-

Em relação à violência socioeconômica, nos relacionamentos passados, esta é assinalada por 18.2% dos *gays*, 42.9% das *lésbicas* e por 18.2% dos *bissexuais*, com tendo sido vítima de pelo menos um ato deste tipo. Quanto às atuais relações amorosas, este tipo de violência é mencionado por 10.8% dos *gays*, 14.3% das *lésbicas* e por nenhum *bissexual*. O comportamento mais referido, no caso dos *gays* e das *lésbicas* é o “Tentar que deixe de ver ou falar com amigos e/ou familiares”, já no caso dos *bissexuais*, não existe uma tendência tão clara de resposta (cf. Tabela 5).

Tabela 5

Frequência dos atos de violência socioeconômica de que foi vítima

Comportamentos	<i>Gays</i>				<i>Lésbicas</i>				<i>Bissexuais</i>			
	<i>(n=49)</i>		<i>(n=37)</i>		<i>(n=14)</i>				<i>(n=11)</i>		<i>(n=8)</i>	
	Relação Passada		Relação Atual		Relação Passada		Relação Atual		Relação Passada		Relação Atual	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Tentar que deixe de ver ou falar com amigos e/ou familiares	8	16.3	3	8.1	5	35.7	-	-	2	18.2	-	-
Restringir o acesso às contas/finanças	1	2.0	2	5.4	2	14.2	1	7.1	-	-	-	-
Roubar o seu dinheiro	1	2.0	1	2.7	1	7.1	-	-	2	18.2	-	-
Contrair-lhe dívidas	5	10.2	1	2.7	1	7.1	1	7.1	-	-	-	-
Danificar a sua propriedade	2	4.1	1	2.7	2	14.2	-	-	1	9.1	-	-
Estragar coisas em casa	2	4.1	2	5.4	2	14.2	-	-	1	9.1	-	-
Partir as suas coisas	3	6.1	1	2.7	2	14.2	-	-	1	9.1	-	-
Pelo menos um ato de violência socioeconômica	9	18.4	4	10.8	6	42.9	2	14.3	2	18.2	-	-

Quanto ao comportamento de *outing*, comportamento específico deste tipo de população, relativamente às relações passadas é referido como tendo acontecido pelo menos uma vez por 12.2% dos *gays*, 9.1% dos bissexuais e por nenhuma *lésbica*. No presente, as frequências são mais inferiores, sendo este tipo de conduta apenas referido pelo grupo dos *gays* (2.7%) (cf. Tabela 6).

Tabela 6

Frequência do comportamento de outing de que foi vítima

Comportamento	<i>Gays</i> (<i>n</i> =49)		<i>Lésbicas</i> (<i>n</i> =14)		<i>Bissexuais</i> (<i>n</i> =11)		<i>Bissexuais</i> (<i>n</i> =8)					
	Relação Passada		Relação Atual		Relação Passada		Relação Atual					
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%				
Ameaçar expor a sua sexualidade à família/amigos/colegas de trabalho	6	12.2	1	2.7	-	-	-	-	1	9.1	-	-

Por último, 61.2% dos *gays*, 71.4% das *lésbicas* e 63.6% dos *bissexuais* refere ter sofrido pelo menos um ato de violência física nas relações passadas. Já no presente, as frequências encontra-se nos 35.1% para os *gays*, 35.7% para as *lésbicas* e nos 75% para os *bissexuais*. Transversalmente aos grupos, e quer nos relacionamentos passados e presente, as condutas mais referidas pelos participantes são “*Criticar*”, “*Dizer palavrões direcionados a si*” e “*Insultar*” (cf. Tabela 7).

Tabela 7

Frequência dos atos de violência psicológica/emocional de que foi vítima

Comportamentos	<i>Gays</i>				<i>Lésbicas</i>				<i>Bissexuais</i>			
	<i>(n=49)</i>		<i>(n=37)</i>		<i>(n=14)</i>				<i>(n=11)</i>		<i>(n=8)</i>	
	Relação Passada		Relação Atual		Relação Passada		Relação Atual		Relação Passada		Relação Atual	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Ameaçar com violência física	6	12.2	1	2.7	20	14.1	-	-	1	9.1	-	-
Ameaçar contagiar com o VIH	3	6.1	1	2.7	-	-	-	-	-	-	-	-
Criticar/ridicularizar a sua performance sexual	10	20.3	1	2.7	1	7.1	-	-	-	-	-	-
Dizer que não terá nada caso a relação termine	8	16.3	1	2.7	1	7.1	-	-	3	27.3	-	-
Ameaçar que o(a) mata caso termine a relação	3	6.1	1	2.7	-	-	-	-	1	9.1	-	-
Ameaçar que comete suicídio	6	12.2	3	8.1	1	7.1	-	-	2	18.2	-	-
Criticar	23	46.9	12	32.4	8	57.1	4	28.5	7	63.7	6	75
Intimidar	9	18.3	2	5.4	5	35.6	3	21.4	2	18.2	-	-
Humilhar	13	26.5	2	5.4	5	35.7	3	21.4	2	18.2	1	12.5
Rebaixar	15	30.6	2	5.4	5	35.7	3	21.3	3	27.3	2	25
Dizer palavrões direcionados a si	18	36.7	4	10.8	6	42.8	1	7.1	6	54.6	2	25
Injuriar	10	20.4	1	2.7	1	7.1	-	-	3	27.3	-	-
Insultar	15	30.6	3	8.1	6	42.9	2	14.2	4	36.4	3	37.5
Acusar de infidelidade	16	32.7	5	13.5	3	21.4	1	7.1	5	45.7	3	37.5
Culpá-lo(a) da relação abusiva	8	16.2	3	8.1	1	7.1	-	-	2	18.2	-	-
Vigia-lo(a) constantemente	10	20.3	2	5.4	4	28.5	2	14.2	3	27.3	-	-
Culpá-lo(a) pelo seu próprio comportamento abusivo	8	16.3	3	8.1	2	14.2	2	14.3	2	18.2	-	-
Dizer que mais ninguém o(a) querará	8	16.2	1	2.7	2	14.3	-	-	1	9.1	2	25
Pelo menos um ato de violência psicológica/emocional	30	61.2	13	35.1	10	71.4	5	35.7	7	63.6	6	75

Relativamente à frequência dos comportamentos violentos recebidos nos três grupos, 27.3% dos bissexuais, 16.3% dos *gays* e 14.3% das *lésbicas* responderam “menos de uma vez por mês”, tendo sido esta a resposta mais assinalada (cf. Tabela 8).

Tabela 8

Frequência das condutas abusivas de que foi vítima

Item	<i>Gays</i> (<i>n</i> =49)		<i>Lésbicas</i> (<i>n</i> =14)		<i>Bissexuais</i> (<i>n</i> =11)	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
<i>23. Com que frequência o(a) seu(a) parceiro(a) é/foi abusivo para consigo?</i>						
Diariamente	1	2.0	-	-	-	-
Mais de duas vezes por semana	6	12.2	2	14.3	-	-
Uma vez por semana	-	-	2	14.3	1	9.1
Mais de duas vezes por mês	6	12.2	1	7.1	1	9.1
Uma vez por mês	1	2.0	-	-	-	-
Menos de uma vez por mês	8	16.3	2	14.3	3	27.3

3.3.1.2. Comportamentos de Perpetração

Quanto à perpetração de comportamentos violentos, as taxas encontradas são inferiores às da vitimação. Relativamente à violência física, nas relações passadas, 24.5% dos *gays*, 35.7% das *lésbicas* e 18.2% dos bissexuais referiu ter praticado pelo menos um ato de violência física. Nas relações amorosas presentes, as percentagens são bastante inferiores, 10.8% dos *gays*, 21.4% das *lésbicas* e 12.5% dos bissexuais referem ter tido pelo menos uma conduta deste teor. Os comportamentos mais assinalados pelos participantes são “Atirar objetos”, “Empurrar” e “Dar uma chapada” (cf. Tabela 9).

Tabela 9

Frequência dos atos de violência física praticados

Comportamentos	<i>Gays</i> (<i>n</i> =49)				<i>Lésbicas</i> (<i>n</i> =14)				<i>Bissexuais</i> (<i>n</i> =11) (<i>n</i> =8)			
	Relação Passada		Relação Atual		Relação Passada		Relação Atual		Relação Passada		Relação Atual	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Bater	2	4.1	1	2.7	1	7.1	-	-	-	-	-	-
Dar murros	1	2.0	1	2.7	-	-	1	7.1	1	9.1	-	-
Atirar objetos	6	12.2	2	5.4	3	21.4	-	-	-	-	1	12.5
Dar pontapés	1	2.0	1	2.7	1	7.1	-	-	-	-	-	-
Empurrar	3	6.1	1	2.7	4	28.4	2	14.3	1	9.1	1	12.5
Dar uma chapada	6	12.2	2	5.4	1	7.1	-	-	2	18.2	1	12.5
Sufocar	-	-	1	2.7	-	-	-	-	-	-	-	-
Atingir com objetos	1	2.0	1	2.7	-	-	-	-	-	-	-	-
Cortar com um objeto afiado	1	2.0	1	2.7	-	-	-	-	-	-	-	-
Trancá-lo(a) no quarto ou em casa	1	2.0	1	2.7	-	-	-	-	-	-	-	-
Trancá-lo(a) fora de casa	2	4.0	2	5.4	1	7.1	-	-	-	-	-	-
Pelo menos um ato de violência física	12	24.5	4	10.8	5	35.7	3	21.4	2	18.2	1	12.5

Relativamente à violência sexual, pelo menos a prática de um ato é mencionado por 2.0% dos *gays*, 7.1% das *lésbicas* e por nenhum *bissexual* no passado. Já no presente, pelo menos um ato praticado é referido apenas por 2.7% dos *gays*.

Tabela 10

Frequência dos atos de violência sexual praticados

Comportamentos	<i>Gays</i>				Lésbicas				Bissexuais			
	(n=49)		(n=37)		(n=14)		(n=11)		(n=8)			
	Relação Passada	Relação Atual	Relação Passada	Relação Atual	Relação Passada	Relação Atual	Relação Passada	Relação Atual				
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Forçar a ter relações sexuais contra a sua vontade	1	2.0	1	2.7	1	7.1	-	-	-	-	-	-
Forçar a ter relações sexuais sem proteção	1	2.0	1	2.7	-	-	-	-	-	-	-	-
Pelo menos um ato de violência sexual	1	2.0	1	2.7	1	7.1	-	-	-	-	-	-

Em relação à violência socioeconômica, pelo menos um ato deste teor foi praticado, relativamente ao passado, por 8.2% dos *gays* e 21.4% das lésbicas, não sendo referido por nenhum bissexual. Nas relações presentes, pelo menos um comportamento deste tipo de violência, é assinalado como tendo sido perpetrado por 5.4% dos *gays* e por 7.1% das lésbicas, sendo que, novamente, não é assinalado pelos bissexuais. As condutas mais mencionadas pelos participantes são “Tentar que deixe de ver ou falar com amigos e/ou familiares”, “Restringir o acesso às contas/finanças”, “Contrair-lhe dívidas” e “Danificar a sua propriedade” (cf. Tabela 11).

Tabela 11

Frequência dos atos de violência socioeconômica praticados

Comportamentos	Gays				Lésbicas				Bissexuais			
	(n=49)		(n=37)		(n=14)		(n=11)		(n=8)			
	Relação Passada		Relação Atual		Relação Passada		Relação Atual		Relação Passada		Relação Atual	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Tentar que deixe de ver ou falar com amigos e/ou familiares	1	2.0	1	2.7	3	21.3	1	7.1	-	-	-	-
Restringir o acesso às contas/finanças	2	4.0	2	5.4	1	7.1	-	-	-	-	-	-
Roubar o seu dinheiro	1	2.0	1	2.7	1	7.1	1	7.1	-	-	-	-
Contrair-lhe dívidas	2	4.0	1	2.7	-	-	-	-	-	-	-	-
Danificar a sua propriedade	2	4.1	1	2.7	1	7.1	-	-	-	-	-	-
Estragar coisas em casa	1	2.0	1	2.7	1	7.1	-	-	-	-	-	-
Partir as suas coisas	1	2.0	1	2.7	1	7.1	-	-	-	-	-	-
Pelo menos um ato de violência socioeconômica	4	8.2	2	5.4	3	21.4	1	7.1	-	-	-	-

Quanto ao comportamento de *outing*, este é referido como tendo sido praticado pelo menos uma vez por 4.1% dos *gays* relativamente às relações passadas e por 2.0% no presente (cf. Tabela 12).

Tabela 12

Frequência do comportamento outing praticado

Comportamento	Gays (n=49)		Lésbicas (n=37)		Lésbicas (n=14)		Bissexuais (n=11)		Bissexuais (n=8)			
	Relação Passada		Relação Atual		Relação Passada		Relação Atual		Relação Passada		Relação Atual	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Ameaçar expor a sua sexualidade à família/amigos/colegas de trabalho	2	4.0	1	2.7	-	-	-	-	-	-	-	-

Por último, a violência psicológica/emocional é referida como tendo sido perpetrado pelo menos uma vez por 44.9% dos *gays*, 57.1% das *lésbicas* e 54.5% dos *bissexuais* relativamente às relações passadas. Já no presente, as frequências encontra-se nos 35.1% para os *gays*, 21.4% para as *lésbicas* e nos 50.0% para os *bissexuais*. Transversalmente aos grupos, e quer nos relacionamentos passados e presente, as condutas mais referidas pelos participantes são “Crítico”, “Insultar” e “Acusar de infidelidade” (cf. Tabela 13).

Relativamente à frequência dos comportamentos violentos praticados nos três grupos, 35.7% das *lésbicas*, 27.3% dos *bissexuais* e 25.5% dos *gays*, responderam “menos de uma vez por mês”, tendo sido esta a resposta mais assinalada (cf. Tabela 14).

Tabela 14

Frequência das condutas abusivas praticadas

Item	Gays (n=12)		Lésbicas (n=7)		Bissexuais (n=2)	
	n	%	n	%	n	%
41. Com que frequência é abusivo para com o(a) parceiro(a)?						
Diariamente	-	-	-	-	-	-
Mais de duas vezes por semana	2	4.1	-	-	-	-
Uma vez por mês	-	-	1	7.1	1	9.1
Menos de uma vez por mês	13	25.5	5	35.7	3	27.3

Tabela 13

Frequência dos atos de violência psicológica/emocional praticados

Comportamentos	<i>Gays</i>				Lésbicas				Bissexuais			
	(n=49)		(n=37)		(n=14)		(n=11)		(n=8)			
	Relação Passada	Relação Atual	Relação Passada	Relação Atual	Relação Passada	Relação Atual	Relação Passada	Relação Atual	Relação Passada	Relação Atual		
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Ameaçar com violência física	2	4.1	1	2.7	1	7.1	-	-	-	-	-	-
Ameaçar contagiar com o VIH	2	4.0	1	2.7	-	-	-	-	-	-	-	-
Criticar/ridicularizar a sua performance sexual	2	4.1	1	2.7	-	-	-	-	-	-	-	-
Dizer que não terá nada caso a relação termine	2	4.0	1	2.7	1	7.1	-	-	-	-	-	-
Ameaçar que o(a) mata caso termine a relação	2	4.1	1	2.7	-	-	-	-	-	-	-	-
Ameaçar que comete suicídio	2	4.0	1	2.7	3	21.4	-	-	-	-	-	-
Criticar	15	30.6	10	27	6	42.8	3	21.3	3	27.3	3	37.5
Intimidar	3	6.1	1	2.7	3	21.4	1	7.1	-	-	-	-
Humilhar	8	16.2	1	2.7	2	14.2	1	7.1	1	9.1	-	-
Rebaixar	9	18.3	2	5.4	2	14.2	1	7.1	-	-	1	12.5
Dizer palavrões direcionados a si	6	12.2	1	2.7	4	28.6	2	14.3	1	9.1	2	25
Injuriar	2	4.1	1	2.7	3	21.4	-	-	1	9.1	-	-
Insultar	9	18.3	2	5.4	5	35.7	2	14.2	2	18.2	2	25
Acusar de infidelidade	11	22.4	6	16.2	4	28.5	2	14.2	3	27.3	2	25
Culpá-lo(a) da relação abusiva	6	12.2	3	8.1	3	21.4	2	14.3	-	-	-	-
Vigia-lo(a) constantemente	4	8.1	2	5.4	3	21.4	2	14.2	-	-	-	-
Culpá-lo(a) pelo seu próprio comportamento abusivo	3	6.1	2	5.4	4	28.6	2	14.2	-	-	-	-
Dizer que mais ninguém o(a) querará	4	8.2	1	2.7	1	7.1	1	7.1	-	-	-	-
Pelo menos um ato de violência psicológica/emocional	22	44.9	13	35.1	8	57.1	3	21.4	6	54.5	4	50

3.3.2. Caracterização das dinâmicas violentas dos casais

3.3.2.1 Comportamentos de vitimação

A maioria dos participantes, nos três grupos, refere que nunca teve numa relação abusiva, nomeadamente, 81.8% dos bissexuais, 75.5% dos *gays* e 64.3% das *lésbicas*. Aqueles que refiram que já tiveram numa relação abusiva, tal situação é mais expressiva nos relacionamentos passados do que na relação atual, 28.5% vs 7.1% no grupo das *lésbicas*, 20.4% vs 4.1% no grupo dos *gays*, e 18.2% vs 0% no caso dos bissexuais (cf. Tabela 15).

Tabela 15

Experiência de relação íntima abusiva

Itens	<i>Gays</i> (<i>n</i> =49)		<i>Lésbicas</i> (<i>n</i> =14)		<i>Bissexuais</i> (<i>n</i> =11)	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
<i>10. Já alguma vez esteve numa relação abusiva?</i>						
Sim, na minha relação atual	2	4.1	1	7.1	-	-
Sim, num dos meus relacionamentos anteriores	10	20.4	3	21.4	1	9.1
Sim, em alguns dos meus relacionamentos passados	-	-	1	7.1	1	9.1
Não, nunca	37	75.5	9	64.3	9	81.8

Quanto a questão, se têm medo do companheiro(a) ou se já tiveram no passado, de forma clara é perceptível que a frequência de respostas positivas é maior referente ao passado comparativamente ao presente, tanto para as *lésbicas*, *gays*, e bissexuais (21.4% vs 0%; 12.2% vs 4.1%; 9.1% vs 0%, respetivamente) (cf. Tabela 16).

Tabela 16

Percepção de medo na relação

Itens		Gays (n=49)		Lésbicas (n=14)		Bissexuais (n=11)	
		n	%	n	%	n	%
No passado							
11. <i>Tem medo do seu atual parceiro(a)?</i>	Sim	6	12.2	3	21.4	1	9.1
	Não	43	87.8	11	78.6	10	90.9
No presente							
12. <i>Já alguma vez teve medo de um parceiro(a) que tenha tido no passado?</i>	Sim	2	4.1	-	-	-	-
	Não	41	83.7	-	-	10	90.9

Quanto à questão: se têm medo do companheiro(a) ou se já tiveram no passado, é perceptível que a frequência de respostas positivas é maior referente ao passado comparativamente ao presente, tanto para as lésbicas, gays, e bissexuais (21.4% vs 0%; 12.2% vs 4.1%; 9.1% vs 0%, respetivamente) (cf. Tabela 17).

Tabela 17

Duração da relação abusiva

Item	Gays (n=49)		Lésbicas (n=14)		Bissexuais (n=11)	
	n	%	n	%	n	%
13. <i>Se já foi vítima de uma relação abusiva no passado, quanto tempo durou a mesma?</i>						
Menos de um mês	1	2.0	3	21.4	-	-
Mais de um mês, menos de seis meses	4	8.2	1	7.1	-	-
Mais de seis meses, menos de um ano	1	2.0	1	7.1	1	9.1
Mais de um ano	6	12.2	2	14.3	1	9.1

Dos participantes que responderam à questão n.º 14 do questionário, 21.4% das lésbicas, 18.2% dos bissexuais e 14.3% dos gays, referem que a relação terminou como consequência dos abusos de que foram vítimas no passado (cf. Tabela 18).

Tabela 18

Término da relação em resultado dos abusos

Item	Gays (n=49)		Lésbicas (n=14)		Bissexuais (n=11)	
	n	%	n	%	n	%
14. A relação terminou em resultado dos abusos?						
Sim	7	14.3	3	21.4	2	18.2
Não	16	32.7	8	78.6	5	45.5

Em relação à duração de tempo, até que a relação se tenha tornado abusiva, no caso das lésbicas, a maior percentagem (14.3%) encontra-se entre “6 meses – 1 ano”, nos *gays*, em igual frequência (8.2%) no intervalo de tempo entre “0-1 mês” e “Após 1 ano”, e por último, quanto aos bissexuais, também de igual frequência (9.1%) no intervalo de tempo “3-6 meses” e “6 meses – 1 ano” (cf. Tabela 19).

Tabela 19

Duração da relação e início das condutas abusivas

Item	Gays (n=49)		Lésbicas (n=14)		Bissexuais (n=11)	
	n	%	n	%	n	%
16. Caso se encontre numa relação abusiva, ou já se encontrou no passado, quanto tempo passou até o relacionamento se tornar abusivo?						
0-1 mês	4	8.2	1	7.1	-	-
3-6 meses	1	2.0	1	7.1	1	9.1
6 meses -1 ano	3	6.1	2	14.3	1	9.1
Após 1 ano	4	8.2	1	7.1	-	-

Analisando a variável, pessoas a quem a vítima pediu ajuda, com percentagem mais expressiva, 42.9% das *lésbicas* refere que reportou a alguém os comportamentos de que foi vítima em contraposto com 18.4% dos *gays* e 18.2% dos *bissexuais*. Quanto questionados a quem terão recorrido, tanto nas *lésbicas* como nos *gays*, os amigos foram os mais referidos (35.7% e 20.4%, respetivamente), já no caso dos *bissexuais*, foram os membros da família (18.2%) (cf. Tabela 20).

Tabela 20

Procura de ajuda por parte da vítima

Itens	<i>Gays</i> (n=49)		<i>Lésbicas</i> (n=14)		<i>Bissexuais</i> (n=11)	
	n	%	n	%	n	%
<i>17. Alguma vez contou/reportou a alguém acerca dos abusos que esta a experienciar ou experienciou?</i>						
Sim	9	18.4	6	42.9	2	18.2
Não	9	18.4	1	7.1	-	-
<i>17.1 Se sim, a quem contou?</i>						
Amigos	10	20.4	5	35.7	1	9.1
Membros da família	2	4.1	2	14.3	2	18.2
Conselheiro/Terapeuta	1	2.0	-	-	-	-
Outro	-	-	1	7.1	-	-

Quanto ao impacto da separação ou manutenção dos comportamentos abusivos, 18.2% dos *bissexuais*, 16.3% dos *gays* e 14.3% das *lésbicas* menciona que sofreu algum tipo de abuso após o término da relação (cf. Tabela 21). No caso dos *bissexuais*, o abuso mais referido são as chamadas telefónicas abusivas (18.2%), seguido do assédio persistente no caso dos *gays* (12.2%), e em igual percentagem (7.1%), tanto o assédio persistente como as chamadas telefónicas abusivas, na amostra das *lésbicas* (cf. Tabela 21).

Tabela 21

Impacto da separação na paragem ou manutenção dos comportamentos abusivos

Itens	<i>Gays</i> (<i>n</i> =49)		<i>Lésbicas</i> (<i>n</i> =14)		<i>Bissexuais</i> (<i>n</i> =11)	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
19. <i>Alguma vez sofreu algum tipo de abuso após a relação terminar?</i>						
Sim	8	16.3	2	14.3	2	18.2
Não	30	61.2	8	57.1	8	72.7
20. <i>Se sim, que tipos de abuso experienciou?</i>						
Assédio persistente	6	12.2	1	7.1	1	9.1
Chamadas telefônicas abusivas	4	8.2	1	7.1	2	18.2
Outro	1	2.0	-	-	1	

Quando questionados se alguma vez se tornaram abusivos em retaliação ao comportamento do(a) parceiro(a), 28.6% das *lésbicas*, 27.3% dos *bissexuais* e 10.2% dos *gays* afirma que sim (cf. Tabela 22).

Tabela 22

Comportamento de retaliação

Item	<i>Gays</i> (<i>n</i> =49)		<i>Lésbicas</i> (<i>n</i> =14)		<i>Bissexuais</i> (<i>n</i> =11)	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
24. <i>Alguma vez se tornou abusivo em retaliação devido ao abuso do seu(a) parceiro(a)?</i>						
Sim	5	10.2	4	28.6	3	27.3
Não	29	59.2	7	50.0	5	45.5

Relativamente à reação do companheiro(a) após o comportamento abusivo, o “Desculpa-se” é a mais referida pelos *bissexuais* (36.4%), seguida do “Expressa culpa/vergonha/desculpa” mencionado pelos *gays* (16.3%), e por último, com igual percentagem (14.3%), referido pelas *lésbicas* o “desculpa-se”, “Promete que muda”, “Expressa culpa/vergonha/desculpa” e “Culpa-o(a) do abuso” (cf. Tabela 23).

Tabela 23

Reação do agressor após a conduta violenta

Item	Gays (n=49)		Lésbicas (n=14)		Bissexuais (n=11)	
	n	%	n	%	n	%
<i>26. Como o(a) seu(a) parceiro(a) reage após ter sido abusivo para consigo?</i>						
Desculpa-se	6	12.2	2	14.3	4	36.4
Promete que não torna a acontecer	5	10.2	1	7.1	2	18.2
Promete que muda	3	6.1	2	14.3	1	9.1
Torna-se muito carinhoso e atencioso	5	10.2	1	7.1	1	9.1
Expressa culpa/vergonha/desculpa	8	16.3	2	14.3	3	27.3
Culpa-o(a) do abuso	4	8.2	2	14.3	1	9.1
Outro	1	2.0	1	7.1	2	18.2

A maioria dos participantes não menciona nenhum ferimento/consequência em resultado do abuso (cf. Tabela 24). Contudo, no caso dos gays, uma baixa percentagem (2%), menciona consequências graves como “Infetar com VIH” e “Infetar com outras DST” (cf. Tabela 24).

Tabela 24

Ferimentos experienciados em resultado dos abusos

Itens	Gays (n=49)		Lésbicas (n=14)		Bissexuais (n=11)	
	n	%	n	%	n	%
<i>27. Alguma vez sofreu algum ferimento/consequência como resultado do abuso do(a) seu(a) parceiro(a)?</i>						
Sim	2	4.1	-	-	1	9.1
Não	29	59.2	11	78.6	8	72.7
<i>28. Se sim, que ferimentos/consequências foi vítima como resultado do abuso?</i>						
Arranhões	1	2.0	-	-	1	9.1
Hematomas	1	2.0	-	-	-	-
Queimaduras	1	2.0	-	-	-	-
Dificuldade em respirar/desmaios	1	2.0	-	-	-	-
Ficar inconsciente	1	2.0	-	-	-	-
Cicatrizes	1	2.0	-	-	-	-
Infetar com VIH	1	2.0	-	-	-	-
Infetar com outras DST	1	2.0	-	-	-	-

Do total de participantes, apenas um *gay* (2.0%) recebeu tratamento médico em virtude de algum ferimento de que tenha sido vítima, sendo que aqueles que não recorreram aos profissionais de saúde não o fizeram, no caso dos *gays* (6.1%) por “Sentir vergonha/embaraço”, e no caso das *lésbicas* (7.1%) porque “Não acho que entenderiam” e “Não acho que iria ajudar” (cf. Tabela 25).

Tabela 25

Motivos porque não procuraram ajuda profissional

Item	<i>Gays</i> (<i>n</i> =49)		<i>Lésbicas</i> (<i>n</i> =14)		<i>Bissexuais</i> (<i>n</i> =11)	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
<i>32. Se não, porquê?</i>						
Sentir vergonha/embaraço	3	6.1	-	-	-	-
Não acho que entenderiam	1	2.0	1	7.1	-	-
Medo de uma reação homofóbica	2	4.1	-	-	-	-
Medo da reação do(a) parceiro(a)	1	2.0	-	-	-	-
Não acho que iria ajudar	1	2.0	1	7.1	-	-

Quanto às consequências em resultado do comportamento abusivo do seu(a) companheiro(a), a mais referenciada tanto como pelas *lésbicas* como pelos *gays* foi a perda de contacto com o amigos (21.4% e 20.4%, respetivamente), tendo sido esta a única mencionada pelos *bissexuais* (cf. Tabela 26).

Tabela 26

Consequências resultantes das condutas abusivas de que foi vítima

Item	Gays (n=49)		Lésbicas (n=14)		Bissexuais (n=11)	
	n	%	n	%	n	%
<i>35. Já experienciou algum dos seguintes problemas como resultado do comportamento abusivo do seu(a) parceiro(a)?</i>						
Forçado a desistir do emprego	1	2.0	1	7.1	-	-
Forçado a desistir da habitação	1	2.0	-	-	-	-
Perder contacto com amigos	10	20.4	3	21.4	1	9.1
Perder contacto com a família	4	8.2	-	-	-	-
Tornar-se dependente de drogas	2	4.1	-	-	-	-
Tornar-se dependente de álcool	2	4.1	-	-	-	-

Apenas um dos participantes, uma lésbica (7.1%) recorreu a algum tipo de serviço de suporte ou linha de apoio, sendo que a maior frequência de resposta, tanto nas lésbicas como nos gays como motivo de não ter recorrido é “Não acreditei que a minha situação seria grave” (cf. Tabela 27).

Tabela 27

Recurso a serviços de apoio: explicações para o facto de não recorrer aos mesmos

Item	Gays (n=49)		Lésbicas (n=14)		Bissexuais (n=11)	
	n	%	n	%	n	%
<i>38. Se não, porquê?</i>						
Não acreditei que a minha situação seria grave	6	12.2	2	14.3	1	9.1
Não tenho conhecimento que tais serviços existem	3	6.1	-	-	-	-
Não sei onde se encontram estes serviços	3	6.1	-	-	-	-
Não acredito que eles compreendam os meus problemas	1	2.0	1	7.1	-	-
Medo que o(a) parceiro(a) descubra	1	2.0	-	-	-	-
Medo de uma reação preconceituosa	1	2.0	-	-	-	-
Outro	2	4.1	1	7.1	-	-

3.3.2.2 Comportamentos de perpetração

Relativamente a comportamentos de perpetração por parte dos participantes, apenas um *gay* (2.0%) menciona que casou algum tipo de ferimento no parceiro, sendo que os ferimentos mais gravosos mencionados foram o “Infetar com VIH” e “Infetar com outras DST”, ainda que em baixa percentagem (2.0%) (cf. Tabela 28). Como consequências para o próprio como resultado dos seus comportamentos abusivos, são referidas “Forçado a desistir do emprego” e “Perder contacto com os amigos” por 2.0% dos *gays*, e “Perder contacto com os amigos” por 7.1% das lésbicas (cf. Tabela 29).

Tabela 28

Comportamentos de perpetração e suas consequências

Itens	Gays (n=49)		Lésbicas (n=14)		Bissexuais (n=11)	
	n	%	n	%	n	%
<i>46. O(a) seu(a) parceiro(a) já sofreu ferimentos /consequências como resultado do seu comportamento abusivo?</i>						
Sim	1	2.0	-	-	-	-
Não	15	30.6	9	64.3	5	45.5
<i>47. Se sim, que ferimentos/consequências foi vítima como resultado do abuso?</i>						
Nariz/lábios a sangrar	-	-	-	-	1	9.1
Queimaduras	1	2.0	-	-	-	-
Dificuldade em respirar/desmaios	1	2.0	-	-	-	-
Ficar inconsciente	1	2.0	-	-	-	-
Infetar com VIH	1	2.0	-	-	-	-
Infetar com outras DST	1	2.0	-	-	-	-

Tabela 29

Consequências para o próprio em resultado das suas condutas abusivas

Itens	Gays (n=49)		Lésbicas (n=14)		Bissexuais (n=11)	
	n	%	n	%	n	%
<i>49. Já alguma vez experienciou algum dos seguintes problemas como resultado do comportamento abusivo?</i>						
Forçado a desistir do emprego	1	2.0	-	-	-	-
Perder contacto com amigos	1	2.0	1	7.1	-	-

Questionados sobre se já falaram sobre o assunto com alguém acerca de terem tido um comportamento abusivo, 18.2% dos bissexuais, 14.3% das lésbicas e 6.1% dos gays afirma que sim, sendo mais frequente fazerem-no junto de amigos, 18.2%, 14.3%, 4.1%, respetivamente (cf. Tabela 30).

Tabela 30

Procura de ajuda em virtude do seu comportamento violento

Itens	Gays (n=49)		Lésbicas (n=14)		Bissexuais (n=11)	
	n	%	n	%	n	%
<i>50. Já alguma vez falou com alguém acerca do seu comportamento abusivo?</i>						
Sim	3	6.1	2	14.3	2	18.2
Não	7	14.3	3	21.4	5	18.2
<i>51. Se sim, com quem falou?</i>						
Amigos	2	4.1	2	14.3	2	18.2
Membros da família	2	4.1	-	-	1	9.1
Conselheiro/Terapeuta	1	2.0	-	-	-	-

Nenhum dos participantes que referiu ter tido um comportamento abusivo mencionou ter procurado ajuda profissional para o seu comportamento, sendo que os motivos evocados são, no caso dos gays (6.1%), “preocupado que me possam julgar”, no caso das lésbicas (7.1%), “Penso que não compreenderão os meus problemas”, “Preocupado que não aceitem a minha

sexualidade” ou por outra razão. Por último, 18.2% dos bissexuais menciona outra razão além das opções de resposta (cf. Tabela 31).

Tabela 31

Motivos da não procura de ajuda profissional para o seu comportamento

Itens	Gays (n=49)		Lésbicas (n=14)		Bissexuais (n=11)	
	n	%	n	%	n	%
<i>53. Se não, porque razão?</i>						
Penso que não compreenderão os meus problemas	-	-	1	7.1	-	-
Preocupado que não aceitem a minha sexualidade	1	10.2	1	7.1	-	-
Não sei onde me possa dirigir	1	2.0	-	-	-	-
Preocupado que me possam julgar	3	6.1	-	-	-	-
Outra	1	2.0	1	7.1	2	18.2

Quanto aos consumos, a maioria, tanto os bissexuais, as lésbicas como os gays, afirmam que não consomem ou consumiram álcool (54.5%, 50.0%, 26.5%, respetivamente) ou drogas (45.5%, 50.0%, 26.5%, respetivamente) antes do ato abusivo (cf. Tabela 32).

Tabela 32

Consumo de álcool/drogas antes do ato abusivo

Itens	Gays (n=49)		Lésbicas (n=14)		Bissexuais (n=11)	
	n	%	n	%	n	%
<i>44. Consume/consumiu álcool antes de ser abusivo?</i>						
Sim	1	2.0	1	7.1	-	-
Não	13	26.5	7	50.0	6	54.5
<i>45. Consume/consumiu drogas antes de ser abusivo?</i>						
Sim	1	2.0	-	-	-	-
Não	13	26.5	7	50.0	5	45.5

3.4. Discussão dos resultados

Este estudo teve como objetivos verificar a prevalência da violência e analisar as características violentas existentes entre os casais de *gays*, lésbicas e bissexuais, comparando os grupos entre si. Na revisão da literatura efetuada, não encontramos nenhuma investigação que estudasse e comparasse os grupos em separado a nível nacional, contudo não significa que não existam. Assim sendo, tendo como ponto de partida estas premissas, este estudo possui um carácter essencialmente exploratório no sentido de comparar os grupos e verificar as diferenças existentes entre estes.

Primeiro que tudo há que referir as diferenças na média de idades dos participantes, sendo o grupo das lésbicas com a média mais alta ($M= 32.36$), seguido dos *gays* ($M= 29.88$) e por fim, os bissexuais com idades mais jovens ($M= 25.18$). Estas diferenças constatadas podem conferir diferentes resultados, pelo que é algo a ter em conta na análise realizada.

Quanto à duração da relação amorosa dos participantes, a média de duração em meses é superior no caso das lésbicas ($M=47.08$), posteriormente os *gays* ($M=40.83$) e por último os bissexuais ($M=34.63$). Estes valores mostram concordância com aquilo que é mencionado na literatura, nomeadamente que os homossexuais conseguem estabelecer relações mais duradouras (Nunan, 2004). As médias nos grupos são elevadas, chegando mesmo, no caso dos *gays* a existir um relacionamento de 20 anos de duração, de 9 anos e dois meses no caso das lésbicas e de 9 anos no caso dos bissexuais, o que são valores elevados tendo em conta a média de idades dos grupos.

Relativamente ao primeiro objetivo, a prevalência da violência, nos três grupos, quanto aos comportamentos de vitimação, esta é superior nas relações passadas comparativamente aos relacionamentos presentes, sendo por norma, a prevalência da violência psicológica sempre mais alta, 61.2% no caso dos *gays*, 71.4% nas lésbicas e 63.6% nos bissexuais, seguida da violência física, com resultados também significativos. Nas relações presentes, esta taxa fica

nos 26.5% nos *gays*, 35.7% nas *lésbicas* e 54.5% nos *bissexuais*, relativamente à violência psicológica e nos 8.2%, 21.4% e 9.1%, respetivamente, quanto à violência física. Estes resultados encontrados vão ao encontro com a literatura internacional (e.g. Hester et al., 2006; Hester & Donovan, 2009; Hester, Donovan, & Fahmy, 2010; Matte & Lafontaine, 2011; Turell, 2000), mas um pouco mais longe de outras estatísticas como de Blosnich e Bossarte (2009) e Heintz e Melendez (2006), principalmente no que diz respeito as estatísticas do abuso físico e sexual, bem mais elevado nos estudos mencionados, ou até do estudo de McClennen, Summers e Daley (2002), com estatísticas mais elevadas tanto na violência emocional como na física. Todavia, o presente estudo mostra que o tipo de violência mais comum é a violência psicológica e isso é congruente com a maioria dos estudos encontrados na literatura nacional e internacional (e.g., Antunes & Machado, 2005; Bartholomew, Regan, White, & Oram, 2008; Costa, Machado, & Antunes, 2009; Lockhart et al., 1994; McClennen, Summers & Daley, 2002; Rodríguez-Madera & Toro-alfonso, 2005; Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2004; Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2013).

Transversalmente, tanto nas relações passadas como presentes, os tipos de violência menos mencionados são a violência sexual e o comportamento de *outing*. Curiosamente, e ao contrário do que era expectável pela parte dos autores, o comportamento de *outing* foi pouco assinalado pelos participantes, quer relativamente às relações passadas como nas relações presentes, isto nos três grupos, *gays* (12.2% vs 2.0%), *lésbicas* (0% vs 0%) e *bissexuais* (9.1% vs 0%). Isto poderá acontecer, por várias razões, uma delas porque a família, amigos e/ou colegas de trabalho poderão conhecer e saber a sua orientação sexual, tornando-se este num mecanismo de controlo com pouca eficácia no seu quotidiano. Quanto aos resultados da violência sexual, a razão de existir uma frequência tão baixa poderá dever-se ao facto de os participantes interpretarem tais situações como uma obrigação da relação e não como um comportamento abusivo (Antunes & Machado, 2005; Costa, Machado, & Antunes, 2009).

Relativamente ao facto da prevalência ser superior no passado do que no presente, é congruente ao encontrado noutros estudos (e.g., Bartholomew, Regan, White, & Oram; Turell, 2000). Isto pode ter várias explicações possíveis, ou seja, os participantes podem ter aprendido com os erros passados e atualmente fazerem melhores opções de escolha de parceiros, podem apresentar uma perceção distorcida da relação ou então podem ter respondido de forma desonesta relativamente à atual relação. Isto pode acontecer por negação do problema, por medo de eventuais represálias do parceiro(a), por pressão para ocultar alguns dos comportamentos abusivos por parte do parceiro (a) ou por ser mais fácil admitir a existência de violência no passado do que no presente, visto que o vínculo já não subsiste, podendo desvalorizar e interpretar a presente relação de forma mais positiva (Antunes & Machado, 2005; Costa, Machado, & Antunes, 2009; Turell, 2000). Seja qual for a razão, tais situações tornam as percentagens relativamente aos comportamentos passados um reflexo mais preciso do problema (Turell, 2000).

Quanto aos comportamentos de perpetração, as taxas encontradas são inferiores às da vitimação, sendo que nos três grupos, *gays*, lésbicas e bissexuais, a violência psicológica continua a ser a mais referida (44.9%, 57.1% e 54.5%, respetivamente), seguida da física (24.5%, 35.7% e 18.2%), relativamente ao passado. Quanto à violência sexual e ao comportamento de *outing*, são novamente os menos referidos, com taxas baixas. No caso do comportamento de *outing*, este é referido apenas pelos *gays* tanto no passado (4.1%) como no presente (2.0%). Resultados estes que, comparativamente ao estudo de Matte e Lafontaine (2011), apresentam valores mais baixos quanto à violência psicológica mas mais altos quanto à violência física, e quanto ao estudo de Bartholomew, Regan, White e Oram (2008), idêntico quanto à violência física mas mais baixo quanto à violência psicológica, contudo, este último foi apenas realizado com uma amostra de homens, nomeadamente *gays* e bissexuais.

Novamente, paralelamente ao que acontece com as taxas de vitimação, os participantes admitem que houve maior frequência e diversidade de comportamentos no passado do que na relação atual, o que pode estar relacionado com o facto de omitirem os seus comportamentos ou com medo de represálias por assumirem os seus comportamentos ou simplesmente porque não interpretam os seus comportamentos como abusivos (Costa, Machado, & Antunes, 2009).

Quanto às características dos relacionamentos violentos, ou seja, o segundo objetivo, constata-se que na maioria, transversalmente aos três grupos, a presença de violência e o sentimento de medo face ao parceiro revela maior percentagem quanto aos relacionamentos passados, tendo na maioria esses relacionamentos durado mais de um ano. Quanto ao primeiro comportamento abusivo, a maior taxa de respostas aponta para um período entre seis meses e um ano no caso das *lésbicas*, entre três meses e um ano para o caso dos *bissexuais* e de forma mais dispersa no caso dos *gays*, que se encontra entre o primeiro mês ou após um ano de relacionamento. Não obstante às situações de violência na relação, o motivo de término dos relacionamentos não está relacionado com a mesma. Em percentagens idênticas entre os três grupos, ou seja, baixa, variando entre os 14.3% nos *gays* e 21.4% nas *lésbicas*, o relacionamento terminou em resultado dos abusos. Isto pode estar relacionado com aquilo que se encontra mencionado na literatura, nomeadamente, a dificuldade em terminar um relacionamento mesmo existindo violência no seio do casal, por falta de coragem, confiança, apoio externo ou por poder implicar ter que deixar a residência, o emprego, a cidade (Avena, 2010; Nunan, 2004). Pode estar também relacionado com o medo da solidão, ingenuidade ao nível dos relacionamentos amorosos (Mena et al., 2005), minimização da violência, sentirem que são culpados ou que merecem a mesma (Nunan, 2004) ou terem a esperança que o abusador mude (Mena et al., 2005; Costa, Machado, & Antunes, 2009), entre outros possíveis fatores.

Daqueles que já experienciaram uma situação de violência, as *lésbicas* (42.9%) reportaram a alguém, contrapondo com os 18.4% dos *gays* e 18.2% dos *bissexuais*. Vários

poderão ser os motivos de ausência da revelação da situação, como por exemplo consideração da situação como um assunto privado (Donovan et al., 2006), vergonha, por desconhecimento da família ou amigos da sua orientação sexual ou por medo de retaliação do abusador. Aqueles que reportaram a situação, é mais comum que o tenham feito aos amigos, no caso das *lésbicas* (35.7%) e dos *gays* (20.4%), já quanto aos *bissexuais*, a membros da família (18.2%). Estes resultados vão ao encontro do que aconteceu com o estudo de Donovan e colaboradores (2006), no qual verificaram que aqueles que decidiram falar/reportar a alguém fizeram-no a amigos, família ou conselheiros/terapeutas.

Congruentemente com alguma literatura encontrada, o término da relação não significa o término dos abusos, já que 18.2% dos *bissexuais*, 16.3% dos *gays* e 14.3% das *lésbicas* já foi vítima de comportamentos abusivos após a rutura da mesma. Donovan e colaboradores (2006), Hester e Donovan (2009) e Hester, Donovan e Fahmy (2010) verificaram nos seus estudos que a violência continuou após o término da relação, tendo mesmo levado à escalada dos comportamentos violentos. O mesmo foi também encontrado no estudo de Stanley e colaboradores (2006) que concluíram que 23% da amostra reportou que a violência ocorreu pela primeira vez quando a relação tinha terminado, estava em processo de término ou já tinha terminado mas mantinham contacto.

Quanto a comportamentos de retaliação face ao abusador, 28.6% das *lésbicas*, 27.3% dos *bissexuais* e 10.2% dos *gays* relatam que tiveram este tipo de atitude. Autores como Ristock (2003) verificou no seu estudo que 9% das participantes refere lutar contra a parceira com a intenção de magoar a mesma e retaliar, 20% refere lutar em legítima defesa e 11% refere agredir com o objetivo de terminar a relação. Isto remete-nos para aquilo que já vem a ser referido internacionalmente, aparentemente as vítimas de relações do mesmo sexo tendem a defender-se mais do que as vítimas femininas nas relações heterossexuais (Rohrbaugh, 2006).

Quanto às atitudes do abusador após o comportamento abusivo, as respostas dos participantes nos três grupos são mais diversas, sendo que todas as assinaladas remetem para comportamentos típicos de um abusador durante a fase de lua-de-mel. Estas atitudes dificultam que o ciclo seja quebrado e contribuem para que esta se reinicie e repita, o que por norma tende a aumentar de intensidade e frequência ao longo do tempo (Ohms, 2008; Potoczniak et al., 2003; Ristock & Timbang, 2005), já que por norma não acontece como um ato isolado (Antunes & Machado, 2005; Avena, 2010; Schilit et al., 1991).

Relativamente aos ferimentos causados pelos atos de violência, apenas uma percentagem muito baixa dos *gays* e dos *bissexuais* os refere, sendo estes atos de menor gravidade, excluindo no caso dos *gays*, em que por exemplo, existe um comportamento de contágio de VIH e outras doenças sexualmente transmissíveis. Apenas um participante *gay* recebeu apoio médico, sendo que os restantes não o fizeram porque, de forma mais assinalada, sentiam vergonha ou embaraço em fazê-lo, e no caso das *lésbicas* porque achavam que os profissionais de saúde não entediam ou que não as iriam ajudar. Os valores do presente estudo, quanto ao recebimento de assistência médica, são bastante inferiores aos encontrados na literatura, como por exemplo Stanley e colaboradores (2006) com uma taxa de 12% e o estudo de Bartholomew, Regan, White e Oram (2008), em que as taxas variaram entre 13% e 18%. Todavia tal explicação poderá residir no facto de no presente estudo os ferimentos assinalados serem de menor gravidade, contrariamente aos dois estudos mencionados, em que os participantes mencionam ferimentos graves como ossos partidos.

Como consequência dos comportamentos abusivos de que foram vítimas, a mais comum é perder o contacto com os amigos, isto nos três grupos. Quase a totalidade da amostra não recorreu a nenhum serviço de ajuda ou apoio, sendo que que nos três grupos, o motivo referido, foi “Não acreditei que a minha situação seria grave”. Pelo facto de terem assinalado tal justificação podemos interpretar que possa existir uma minimização das situações de violência

o que poderá criar espaço para a perpetração de novos comportamentos e/ou até serem mais gravosos. Tal situação pode até ser comprovada pelas respostas assinaladas, já que no início do instrumento, quando é questionado se foram vítima de violência apenas uma pequena percentagem dos três grupos responde de forma afirmativa, todavia, mais tarde, na descrição dos tipos de comportamentos de que foram vítimas, identificam alguns destes. Esta situação mencionada pode remeter para as pareências com o estudo de Toro-Alfonso e Rodríguez-Madera (2004), em que apesar de as taxas de abuso emocional rondar os 40%, abuso físico 24% e sexual 14%, apenas 24% da amostra se percebeu como estar envolvido numa relação violenta.

Quanto aos comportamentos de perpetração, apenas uma minoria admite ter assumido algum tipo de comportamentos violento. Das consequências referidas, em virtude das suas condutas, a mais grave mencionada é o contágio de VIH e outras DST. Em resultado do comportamento violento, uma lésbica (7.1%) e dois *gays* (4.0%) referem como consequências a perda de contato com os amigos e ter que desistir do emprego. Daqueles que já foram abusivos, 18.2% dos bissexuais, 14.3% das lésbicas e 6.1 dos *gays*, refere ter falado com alguém acerca do seu comportamento, nomeadamente junto dos amigos. De toda amostra, nenhum referiu ter procurado ajuda profissional, sendo que os motivos são vários, sem uma tendência de resposta, mas indo de encontro ao referido na literatura. Quanto aos consumos, apenas um *gay* refere ter consumido álcool e drogas antes dos atos abusivos. Tal resultado não corrobora o encontrado na literatura, nomeadamente Buller e colaboradores (2014), que encontraram associação entre o consumo de substâncias e a perpetração de comportamentos violentos.

3.5. Conclusão

A violência doméstica é frequentemente invisível, minimizada e rodeada de inúmeros mitos e preconceitos errados (L.A. Gay & Lesbian Center, n.d.). Se o silêncio criado pela homofobia, heterossexismo, e crenças erradas (por exemplo: a violência é algo da esfera privada) não for quebrado, o problema continuará invisível e a perpetuará o risco dos casais homossexuais que se encontram em relações abusivas (Margolies & Leeder, 1995; Vickers, 1996).

Assim, apesar da literatura emergente acerca do fenômeno da violência nas relações íntimas homossexuais é ainda necessário continuar o desenvolvimento de mais pesquisas (Burke et al., 2002; McClennen, 2005; Nunan, 2004; Topa, 2010) para melhor compreender o fenômeno (Ristock & Timbang, 2005; Topa, 2010), desconstruir mitos e mostrar as evidências das injustiças (McClennen, 2005) e criar estratégias de prevenção e intervenção (Ristock & Timbang, 2005). A investigação deste fenômeno pode também permitir aumentar o número de serviços disponíveis tanto para vítimas quanto para agressores (Nunan, 2004), especialmente serviços de apoio à vítima homem, já que os serviços sociais e redes de apoio para vítimas de violência doméstica destinam-se a mulheres sendo praticamente inexistentes para homens, quer heterossexuais quer homossexuais (Costa, Machado, & Antunes, 2009).

Quanto ao presente estudo revela aquilo que poucos estudos nacionais e internacionais já têm mostrado, ou seja, que a violência no seio dos relacionamentos *gays* e *lésbicos*, existe e em taxas preocupantes. Uma vantagem que este estudo traz relativamente a outros, é que inclui bissexuais, o que raramente a nível internacional acontece e a nível nacional, não foram encontrados. Compara também os três grupos, onde se denota que em todos, mais ou menos de igual forma, as taxas são semelhantes entre estes bem como as características violentas. Isto significa que, os bissexuais, grupo que tem sido negligenciado, também se depara com esta problemática de igual forma e incidência. A ausência de resultados mais expressivos pode em

parte estar relacionado com a pouca variedade da amostra, sendo que esta é muito homogénea; assim sendo, diversificar o perfil dos participantes poderá trazer outros resultados.

Quanto à violência em si, a mais comum é a psicológica, transversalmente aos três grupos e a menos comum a sexual e o comportamento de *outing*, este último que, os investigadores pensavam que teria uma maior incidência. Uma das explicações para esta situação poderá residir no facto da orientação sexual dos participantes ser do conhecimento dos familiares/amigos/colegas de trabalho, tornando-se então num mecanismo de controlo menos eficaz.

Este estudo permite-nos também conhecer algumas características das dinâmicas violentas das relações, corroborando aquilo que é encontrado na literatura internacional, por exemplo, que é mais comum falarem da situação de que são vítimas junto de amigos, que o término da relação não é o final de eventuais condutas violentas por parte do ex-companheiro(a) e que raramente procuram ajuda profissional para a situação, tanto como na posição de vítima como de perpetrador.

Este fenómeno mostra-se então uma problemática no qual é necessário intervir a vários níveis em simultâneo, nomeadamente, individual, cultural e institucional (Girshick, 2002), através de, por exemplo, campanhas de informação e desmistificação da mesma (Ristock, 2003) para eliminação dos preconceitos e dos obstáculos encontrados por esta população em específico.

Apesar da contribuição do presente trabalho, existem limitações que deverão ser referidas como a utilização de uma amostra pequena no seu global e grandes discrepâncias do número de participantes, em termos de grupos, nomeadamente dos *gays* comparativamente às *lésbicas* e *bissexuais*, o que dificulta comparações.

Por limitação das respostas obtidas ao questionário, nem todas as questões que constituem o mesmo foram alvo de análise e explanação na presente dissertação. Muitas destas

não foram estatisticamente significativas/expressivas ou não foram respondidas pelos participantes, o que impossibilitou o estudo das variáveis apresentadas no questionário.

De referir o facto de ter sido utilizado um instrumento de autorrelato o que incube em si várias limitações, já que apresenta grande potencial de sub-representação dos comportamentos violentos e possibilidade de enviesamento da informação fornecida (Blosnich & Bossarte, 2009). Para além disto, um questionário destas características, no qual a pessoa se auto identifica sexualmente, pode falhar na captura/identificação dos comportamentos violentos de pessoas com relações com pessoas do mesmo sexo, já que existe situações em que os participantes podem não se assumir como homossexuais ou bissexuais apesar de manterem relações com pessoas do mesmo sexo (Ramachandran et al., 2010). Aliás, esta situação mencionada, deparamo-nos com ela na presente investigação, pelo que para evitar dúvidas, procedeu-se à exclusão daqueles que não se identificavam como *gays*, lésbicas ou bissexuais. De mencionar também que questionários deste teor elevam a subjetividade dos participantes à compreensão do mesmo e seus significados e seriedade dos incidentes (Madera & Toro-alfonso, 2005). Uma outra limitação, que se configura não só pelo questionário, mas também pelo tema em si é a deseabilidade social associada a um tema rodeado de tanto preconceito social.

Relativamente ao método de recolha de amostra, apesar de inovador, através de método *online*, que contribui para a melhor segurança e anonimato dos participantes e menos comprometimento dos investigadores, existe a possibilidade do participante não ser quem afirma ser (Otis, Rostosky, Riggle, & Hamrin, 2006).

Por último, em termos de limitação, há que referir o elevado número de *missings* que empobreceu as estatísticas e impossibilitou a realização da análise de conteúdo das respostas abertas, o que limitou conclusões que se poderiam retirar do presente estudo. De futuro sugere-se conseguir uma amostra representativa, tentando maximizar o número de respostas obtidas por questionário, evitando assim um elevado número de *missings*, através de incentivo

monetário ou através de parcerias com outros investigadores, por exemplo. Sugere-se também modificação da linguagem empregue nos questionários aplicados, tornando-os mais simples e que consigam ser aplicados tanto à população homossexual como heterossexual (Murray & Mobley, 2009), ou seja, que não seja indutor de determinada orientação sexual. Sugere-se a utilização de instrumentos apropriados à população e com propriedades psicométricas aceitáveis que incluam critérios de análise do nível de desejabilidade social (Murray & Mobley, 2009). Seria também importante controlar, se quando os participantes referem vitimação ou perpetração de comportamentos violentos no passado, se referem a relações com pessoas do mesmo sexo ou de sexo diferente (Murray & Mobley, 2009).

Em estudos futuros, sugere-se o alargamento tema, nomeadamente, analisar e comparar as taxas de homicídio entre os casais homossexuais, heterossexuais e bissexuais, algo que não foi feito até então. Por último, seria interessante realizar um estudo longitudinal, por forma a conseguir estabelecer as causas da violência e as consequências/impacto da mesma a longo prazo nos diferentes grupos.

Referências

- Antunes, R., & Machado, C. (2005). Dupla invisibilidade: A violência nas relações homossexuais. *Psychologica*, 39, 167-187.
- Aulivola, M. (2004). Outing domestic violence: Affording appropriate protections to gay and lesbian victims. *Family Court Review*, 42(1), 162-177.
- Avena, D. (2010). A violência doméstica nas relações lésbicas : Realidades e mitos. *Aurora*, 7.
- Baker, N. L., Buick, J. D., Kim, S. R., Moniz, S., & Nava, K. L. (2012). Lessons from examining same-sex intimate partner violence. *Sex Roles*, 69(3-4), 182–192. doi:10.1007/s11199-012-0218-3
- Balsam, K. F., & Szymanski, D. M. (2005). Relationship quality and domestic violence in women's same-sex relationships: The role of minority stress. *Psychology of Women Quarterly*, 29(3), 258–269. doi:10.1111/j.1471-6402.2005.00220.x
- Banks, J. R., & Fedewa, A. L. (2012). Counselors' attitudes toward domestic violence in same-sex versus opposite-sex relationships. *Journal of Multicultural Counseling and Development*, 40, 194–205.
- Barbour, E. (2011). An ecological analysis of same-sex domestic violence between gay men. *Kaleidoscope*, 10(article 38), 1-9.
- Bartholomew, K., Regan, K. V, Oram, D., & White, M. a. (2008). Correlates of partner abuse in male same-sex relationship. *Violence and Victims*, 23(3), 344–360. doi:10.1891/0886-6708.23.3.344
- Bartholomew, K., Regan, K. V, White, M. A, & Oram, D. (2008). Patterns of abuse in male same-sex relationships. *Violence and Victims*, 23(5), 617–636. doi:10.1891/0886-6708.23.5.617
- Bernhard, L. a. (2000). Physical and sexual violence experienced by lesbian and heterosexual women. *Violence Against Women*, 6(1), 68–79. doi:10.1177/10778010022181714
- Blosnich, J. R., & Bossarte, R. M. (2009). Comparisons of intimate partner violence among partners in same-sex and opposite-sex relationships in the United States. *American Journal of Public Health*, 99(12), 2182–2184. doi:10.2105/AJPH.2008.139535
- Brown, C. (2008). Gender-role implications on same-sex intimate partner abuse. *Journal of Family Violence*, 23(6), 457–462. doi:10.1007/s10896-008-9172-9
- Brown, M. J., & Groscup, J. (2008). Perceptions of same-sex domestic violence among crisis center staff. *Journal of Family Violence*, 24(2), 87–93. doi:10.1007/s10896-008-9212-5
- Buller, A. M., Devries, K. M., Howard, L. M., & Bacchus, L. J. (2014). Associations between intimate partner violence and health among men who have sex with men: a systematic

- review and meta-analysis. *PLoS Medicine*, *11*(3), 1-12.
doi:10.1371/journal.pmed.1001609
- Burke, L. K., & Follingstad, D. R. (1999). Violence in lesbian and gay relationships: Theory, prevalence, and correlational factors. *Clinical Psychology Review*, *19*(5), 487–512. doi: S0272-7358(98)00054-3
- Burke, T. W., Jordan, M. L., & Owen, S. S. (2002). A cross-national comparison of gay and lesbian domestic violence. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, *18*(3), 231–257. doi:10.1177/1043986202018003003
- Carvalho, A. F., Lewis, R. J., Derlega, V. J., Winstead, B., & Viggiano, C. (2011). Internalized sexual minority stressors and same-sex intimate partner violence. *Journal of Family Violence*, *26*(7), 501–509. doi:10.1007/s10896-011-9384-2
- Chan, C. (2005). Domestic violence in gay and lesbian domestic violence in gay and lesbian relationships. *Australian Domestic and Family Violence Clearinghouse*, 1-15.
- Chan, E., & Cavacuiti, C. (2008). Gay abuse screening protocol (GASP): Screening for abuse in gay male relationships. *Journal of Homosexuality*, *54*(4), 423–38. doi:10.1080/00918360801991455
- Chong, E. S. K., Mak, W. W. S., & Kwong, M. M. F. (2013). Risk and protective factors of same-sex intimate partner violence in Hong Kong. *Journal of Interpersonal Violence*, *28*(7), 1476–97. doi:10.1177/0886260512468229
- Costa, L. G., Machado, C., & Antunes, R. (2009). Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade. Retirado de <https://www.rea.pt/imgs/uploads/doc-estudos-2009-violencia-relacoes-homossexuais-face-oculta-agressao-intimidade.pdf>
- Costa, E., Vieira, I., Santos, J. & Santos, M. (s/data). *Violência doméstica contra homossexuais: máscaras e mitos: a mídia como instrumento de (in)visibilidade da violência contra homossexuais no âmbito familiar*. Apresentado no VI Congresso internacional de estudos sobre a diversidade sexual e de gênero da ABEH.
- Craft, S. M., & Serovich, J. M. (2005). Family-of-origin factors and partner violence in the intimate relationships of gay men who are HIV positive. *Journal of Interpersonal Violence*, *20*(7), 777–791. doi:10.1177/0886260505277101
- De Santis, J. P., Gonzalez-Guarda, R., Provencio-Vasquez, E., & Deleon, D. (2014). The tangled branches (las ramas enredadas): Sexual risk, substance abuse, and intimate partner violence among Hispanic men who have sex with men. *Journal of Transcultural Nursing*, *25*(1), 23–32. doi:10.1177/1043659613504110
- Donovan, C., Hester, M., Holmes, J., & McCarry, M. (2006). Comparing domestic abuse in same sex and heterosexual relationships. University of Sunderland, University of Bristol.
- Eliason, M. J. (1996). Lesbian and gay family issues. *Journal of Family Nursing*, *2*(1), 10–29. doi:10.1177/107484079600200102

- Finneran, C., & Stephenson, R. (2013). Intimate partner violence among men who have sex with men: a systematic review. *Trauma, Violence & Abuse, 14*(2), 168–85. doi:10.1177/1524838012470034
- Frazão, P., & Rosário, R. (2008). O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares. *Análise Psicológica, 1*(XXVI), 25–45.
- Garnets, L., Herek, G. M., & Levy, B. (1990). Violence and victimization of lesbians and gay men: Mental health consequences. *Journal of Interpersonal Violence, 5*(3), 366–383. doi:10.1177/088626090005003010
- Gillum, T., & DiFulvio, G. (2012). "There's so much at stake": Sexual minority youth discuss dating violence. *Violence Against Women, 18* (7), 725-745. doi: 10.1177/1077801212455164.
- Giorgio, G. (2002). Speaking silence: Definitional dialogues in abusive lesbian relationships. *Violence Against Women, 8*(10), 1233-1259. doi:10.1177/107780102236535
- Girshick, L. B. (2002). No sugar, no spice: Reflections on research on woman-to-woman sexual violence. *Violence Against Women, 8*(12), 1500–1520. doi:10.1177/107780102237967
- Halpern, C. T., Young, M. L., Waller, M. W., Martin, S. L., & Kupper, L. L. (2004). Prevalence of partner violence in same-sex romantic and sexual relationships in a national sample of adolescents. *The Journal of Adolescent Health, 35*(2), 124–131. doi:10.1016/j.jadohealth.2003.09.003
- Hardesty, J. L., Oswald, R. F., Khaw, L., & Fonseca, C. (2011). Lesbian/bisexual mothers and intimate partner violence: Help seeking in the context of social and legal vulnerability. *Violence against Women, 17*(1), 28–46. doi:10.1177/1077801209347636
- Hassouneh, D., & Glass, N. (2008). The influence of gender role stereotyping on women's experiences of female same-sex intimate partner violence. *Violence Against Women, 14*(3), 310-325. doi:10.1177/1077801207313734
- Heintz, A. J., & Melendez, R. M. (2006). Intimate partner violence and HIV/STD risk among lesbian, gay, bisexual, and transgender individuals. *Journal of Interpersonal Violence, 21*(2), 193–208. doi:10.1177/0886260505282104
- Hellmuth, J. C., Follansbee, K. W., Moore, T. M., & Stuart, G. L. (2008). Reduction of intimate partner violence in a gay couple following alcohol treatment. *Journal of Homosexuality, 54*(4), 439–48. doi:10.1080/00918360801991513
- Henderson, L. (2003). Prevalence of domestic violence among lesbians & gay men. Retirado de <http://www.sigmaresearch.org.uk/files/report2003.pdf>
- Henderson, N., & Shefer, T. (2008). Practices of power and abuse in gay male relationships: an exploratory case study of a young, isixhosa-speaking man in the Western Cape, South Africa. *South African Journal of Psychology, 38*(1), 1–20. doi:10.1177/008124630803800101

- Hester, M., & Donovan, C. (2009). Researching domestic violence in same-sex relationships-- a feminist epistemological approach to survey development. *Journal of Lesbian Studies*, 13(2), 161–73. doi:10.1080/10894160802695346
- Hester, M., Donovan, C., & Fahmy, E. (2010). Feminist epistemology and the politics of method: surveying same sex domestic violence. *International Journal of Social Research Methodology*, 13(3), 251–263. doi:10.1080/13645579.2010.482260
- Peterman, L., & Dixon, C. (2003). Domestic violence between same-sex partners: Implications for Counseling. *Journal of Counseling & Development*, 81, 40-47.
- Irwin, J. (2008). (Dis)counted stories: Domestic violence and lesbians. *Qualitative Social Work*, 7(2), 199–215. doi:10.1177/1473325008089630
- Kay, M., & Jeffries, S. (2010). Homophobia, heteronormativity and hegemonic masculinity: Male same-sex intimate violence from the perspective of Brisbane Service Providers. *Psychiatry, Psychology and Law*, 17(3), 412–423. doi:10.1080/13218710903566953
- Kuehnle, K., & Sullivan, A. (2003). Gay and lesbian victimization: Reporting factors in domestic violence and bias incidents. *Criminal Justice and Behavior*, 30(1), 85–96. doi:10.1177/0093854802239164
- Kwon, P. (2013). Resilience in lesbian, gay, and bisexual individuals. *Personality and Social Psychology Review*, 17(4), 371–83. doi:10.1177/1088868313490248
- L.A. Gay & Lesbian Center. (2011). Lesbian, gay, bisexual, and transgender intimate partner violence: The california report.
- Lewis, R. J., Milletich, R. J., Derlega, V. J., & Padilla, M. a. (2014). Sexual minority stressors and psychological aggression in lesbian women's intimate relationships: The mediating roles of rumination and relationship satisfaction. *Psychology of Women Quarterly*, 38(4), 535–550. doi:10.1177/0361684313517866
- Little, B., & Terrance, C. (2010). Perceptions of domestic violence in lesbian relationships: stereotypes and gender role expectations. *Journal of Homosexuality*, 57(3), 429–40. doi:10.1080/00918360903543170
- Lockhart, L. L., White, B. W., Causby, V., & Isaac, A. (1994). Letting out the secret: Violence in lesbian relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 9(4), 469–492. doi:10.1177/088626094009004003
- Madera, S. R., & Toro-alfonso, J. (2005). Description of a domestic violence measure for Puerto Rican gay males. *Journal of Homosexuality*, 50(1), 155-173. doi:10.1300/J082v50n01_08
- Matte, M., & Lafontaine, M.-F. (2011). Validation of a measure of psychological aggression in same-sex couples: Descriptive data on perpetration and victimization and their association with physical violence. *Journal of GLBT Family Studies*, 7(3), 226–244. doi:10.1080/1550428X.2011.564944

- McClennen, J. C. (2005). Domestic violence between same-gender partners: recent findings and future research. *Journal of Interpersonal Violence*, 20(2), 149–54. doi:10.1177/0886260504268762
- McClennen, J. C., Summers, a. B., & Daley, J. G. (2002). The lesbian partner abuse scale. *Research on Social Work Practice*, 12(2), 277–292. doi:10.1177/104973150201200205
- McKenry, P. C., Serovich, J. M., Mason, T. L., & Mosack, K. (2006). Perpetration of gay and lesbian partner violence: A disempowerment perspective. *Journal of Family Violence*, 21(4), 233–243. doi:10.1007/s10896-006-9020-8
- McLaughlin, E., & Rozee, P. (2001). Knowledge about heterosexual versus lesbian battering among lesbians. *Women & Therapy*, 23(3), 39-41. doi:10.1300/J015v23n03_04
- Mena, F. R., Rodríguez, J. R., & Malavé, S. (2005). Manifestaciones de la violencia doméstica en una muestra de hombres homosexuales y mujeres lesbianas puertorriqueñas. *Revista Interamericana de Psicología* 39(3), 449–456.
- Messinger, A. M. (2011). Invisible victims: same-sex IPV in the national violence against women survey. *Journal of Interpersonal Violence*, 26(11), 2228–43. doi:10.1177/0886260510383023
- Miller, A. J., Bobner, R. F., & Zarski, J. J. (2000). Sexual identity development: A base for work with same-sex couple partner abuse. *Contemporary Family Therapy*, 22(2), 189–200.
- Mohr, J. J., & Daly, C. a. (2008). Sexual minority stress and changes in relationship quality in same-sex couples. *Journal of Social and Personal Relationships*, 25(6), 989–1007. doi:10.1177/0265407508100311
- Monteiro, V., & Sani, A. I. (2013). Violência doméstica entre casais homossexuais - "Quebrando barreiras, formando profissionais". In A. Sani & S. Caridade (cords), *Violência, agressão e vitimação: Práticas para a intervenção* (pp.149-170). Edições Almedina: Coimbra.
- Murray, C. E., & Mobley, A. K. (2009). Empirical research about same-sex intimate partner violence: a methodological review. *Journal of Homosexuality*, 56(3), 361–86. doi:10.1080/00918360902728848
- Murray, C. E., Mobley, A. K., Buford, A. P., & Seaman-DeJohn, M. M. (2006/2007). Same-sex intimate partner violence: Dynamics, social context, and counseling implications. *The Journal of LGBT Issues in Counseling*, 1(4), 7-30.
- National Coalition of Anti-Violence Programs Project. (2013). Lesbian, gay, bisexual, transgender, queer, and HIV-Affected intimate partner violence in 2012. A Report of the National Coalition of AntiViolence Programs. New York: NCAVP. Retirado de: http://www.avp.org/storage/documents/ncavp_2012_ipvreport.final.pdf \nhttp://www.avp.org/storage/documents/ncavp_2012_hvreport_final.pdf

- Neto, L. (2003). Um olhar sobre a violência contra homossexuais no Brasil. *Niterói*, 4 (1), 33-46.
- Nunan, A. (2004). Violência doméstica entre casais homossexuais: O segundo armário?. *Psico*, 35(1), 69-78.
- Nowinski, S. N., & Bowen, E. (2012). Partner violence against heterosexual and gay men: Prevalence and correlates. *Aggression and Violent Behavior*, 17(1), 36–52. doi:10.1016/j.avb.2011.09.005
- Ohms, C. (2008). Perpetrators of violence and abuse in lesbian partnerships. *Liverpool Law Review*, 29(1), 81–97. doi:10.1007/s10991-008-9032-y
- Oliffe, J. L., Han, C., Maria, E. S., Lohan, M., Howard, T., Stewart, D. E., & MacMillan, H. (2014). Gay men and intimate partner violence: a gender analysis. *Sociology of Health & Illness*, 36(4), 564–579. doi:10.1111/1467-9566.12099
- Oringher, J., & Samuelson, K. W. (2011). Intimate partner violence and the role of masculinity in male same-sex relationships. *Traumatology*, 17(2), 68–74. doi:10.1177/1534765610395620
- Otis, M. D., Rostosky, S. S., Riggle, E. D., & Hamrin, R. (2006). Stress and relationship quality in same-sex couples. *Journal of Social and Personal Relationships*, 23(1), 81–99. doi:10.1177/0265407506060179
- Pattavina, A., Hirschel, D., Buzawa, E., Faggiani, D., & Bentley, H. (2007). Violence against women response to heterosexual partner violence. *Violence Against Women*, 13(4), 374-394. doi:10.1177/1077801207299206
- Patzel, B. (2006). What blocked heterosexual women and lesbians in leaving their abusive relationships. *Journal of the American Psychiatric Nurses Association*, 12(4), 208–215. doi:10.1177/1078390306294897
- Pope, A. L., Murray, C. E., & Mobley, A. K. (2010). Personal, relational, and contextual resources and relationship satisfaction in same-sex couples. *The Family Journal*, 18(2), 163–168. doi:10.1177/1066480710364501
- Potoczniak, M. J., Murot, J. E., Crosbie-Burnett, M., & Potoczniak, D. J. (2003). Legal and psychological perspectives on same-sex domestic violence: A multisystemic approach. *Journal of Family Psychology*, 17(2), 252–259. doi:10.1037/0893-3200.17.2.252
- Ramachandran, S., Yonas, M. A, Silvestre, A. J., & Burke, J. G. (2010). Intimate partner violence among HIV-positive persons in an urban clinic. *AIDS Care*, 22(12), 1536–1543. doi:10.1080/09540121.2010.482199
- Regan, K. V., Bartholomew, K., Oram, D., & Landolt, M. a. (2002). Measuring physical violence in male same-sex relationships: An item response theory analysis of the conflict tactics scales. *Journal of Interpersonal Violence*, 17(3), 235–252. doi:10.1177/0886260502017003001

- Renzetti, C. M. (1988). Violence in lesbian relationships: A preliminary analysis of causal factors. *Journal of Interpersonal Violence*, 3(4), 381–399. doi:10.1177/088626088003004003
- Richards, A., Noret, N., & Rivers, I. (2003). *Violence and abuse in same-sex relationships: A review of literature*. Leeds: University of Leeds, York St. John College. Retirado de http://mesmac.co.uk/uploads/cms/files/violence_and_abuse.pdf.
- Ristock, J. L. (2003). Exploring dynamics of abusive lesbian relationships : Preliminary analysis of a multisite, qualitative study. *American Journal of Community*, 31(3/4), 329-341. doi: 0091-0562/03/0600-0329/0
- Ristock, J., & Timbang, N. (2005). Relationships violence in lesbian/gay/bisexual/transgender/queer [lgbt] communities: Moving beyond a gender-based framework. *Violence Against Women Online Resources*. Retirado de <http://www.mincava.umn.edu/documents/lgbtqviolence/lgbtqviolence.html>
- Rohrbaugh, J. B. (2006). Domestic violence in same-gender relationships. *Family Court Review*, 44(2), 287–299. doi:10.1111/j.1744-1617.2006.00086.x
- Santos, A. C. (2012). Entre duas mulheres isso não acontece? – Um estudo exploratório sobre violência conjugal Lésbica. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 98, 3-24. doi: 10.4000/rccs.4988
- Schilit, R., Lie, Gwat-Yong, Bush, J., Montagne, M., & Reyes, L. (1991). Intergenerational transmission of violence in lesbian relationships. *Affilia*, 6(1), 72–87. doi:10.1177/088610999100600105
- Seelau, S. M., & Seelau, E. P. (2005). Gender-role stereotypes and perceptions of heterosexual, gay and lesbian domestic violence. *Journal of Family Violence*, 20(6), 363–371. doi:10.1007/s10896-005-7798-4
- Stanley, J. L., Bartholomew, K., Taylor, T., Oram, D., & Landolt, M. (2006). Intimate violence in male same-sex relationships. *Journal of Family Violence*, 21(1), 31–41. doi:10.1007/s10896-005-9008-9
- Tjaden, P., & Thoennes, N. (2000). Extent, nature, and consequences of intimate partner violence. Retirado de <https://www.ncjrs.gov/pdffiles1/nij/181867.pdf>
- Todosijevic, J., Rothblum, E. D., & Solomon, S. E. (2005). Relationship satisfaction, affectivity, and gay-specific stressors in same-sex couples joined in civil unions. *Psychology of Women Quarterly*, 29(2), 158–166. doi:10.1111/j.1471-6402.2005.00178.x
- Topa, H. (2009). Violência doméstica em casais homossexuais: Das representações sociais dos profissionais que trabalham com as vítimas à vivência das vítimas (Tese de Mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.
- Topa, H. (2010). No arco-íris também há roxo: Violência conjugal nas relações lésbicas. *LES online*, 2 (1), 13-21.

- Toro-Alfonso, J., & Rodríguez-Madera, S. (2004). Domestic violence in Puerto Rican gay male couples: perceived prevalence, intergenerational violence, addictive behaviors, and conflict resolution skills. *Journal of Interpersonal Violence, 19*(6), 639–54. doi:10.1177/0886260504263873
- Toro-Alfonso, J., & Rodríguez-Madera, S. (2013). El doble secreto: La violencia doméstica en parejas del mismo género. Retirado de http://www.researchgate.net/profile/Jose_Toro-Alfonso2/publication/237066636_El_doble_secreto_La_violencia_domstica_en_parejas_del_mismosexo/links/0c9605247770a3b4c6000000.pdf
- Turell, S. C. (2000). A Descriptive analysis of same-sex relationship Violence for a Diverse Sample. *Journal of Family Violence, 15*(3), 281-293. doi: 0885-7482/00/0900-0281\$18.00/0
- Vickers, L. (1996). The second closet: Domestic violence in lesbian and gay relationships: A western australian perspective. *Family Violence Law and Legislation, 3*(4). Retirado de <http://www.murdoch.edu.au/elaw/issues/v3n4/vickers.html>
- Waldner-Haugrud, L. K. (1999). Sexual coercion in lesbian and gay relationships: A review and critique. *Aggression and Violent Behavior, 4*(2), 139–149. doi:10.1016/S1359-1789(97)00054-2
- Walters, M. L. (2011). Straighten up and act like a lady: A qualitative study of lesbian survivors of intimate partner violence. *Journal of Gay & Lesbian Social Services, 23*(2), 250–270. doi:10.1080/10538720.2011.559148
- Williamson, J. (2012). Domestic partner violence in same-sex relationships: What is it and what can we do to help?. *Family Law News, 34*(3), 31–35.
- Wu, E., El-Bassel, N., McVinney, L. D., Hess, L., Fopeano, M. V, Hwang, H. G., Charania, M., & Mansergh, G. (2014). The association between substance use and intimate partner violence within black male same-sex relationships. *Journal of Interpersonal Violence, 30*(5), 1–20. doi:10.1177/0886260514536277
- Younglove, J. a., Kerr, M. G., & Vitello, C. J. (2002). Law enforcement officers' perceptions of same sex domestic violence: Reason for cautious optimism. *Journal of Interpersonal Violence, 17*(7), 760–772. doi:10.1177/0886260502017007004
- Yu, Y., Xiao, S., & Liu, K. Q. (2013). Dating violence among gay men in China. *Journal of Interpersonal Violence, 28*(12), 2491–2504. doi:10.1177/0886260513479028

Anexos

VIOLÊNCIA E ABUSO EM RELAÇÕES DO MESMO SEXO

16) Caso se encontre numa relação abusiva, ou já se encontrou no passado, quanto tempo passou até o relacionamento se tornar abusivo?

- 0 – 1 mês
- 3 – 6 meses
- 6 meses – 1 ano
- Após 1 ano
- Outro, por favor especifique: _____

17) Alguma vez contou/reportou a alguém acerca do abuso que está a experienciar ou experienciou?

- Sim
- Não

Se sim, a quem contou?

- Amigos
- Membros da família
- Colega de trabalho
- Médico de família
- Outro profissional de saúde
- Linha de violência doméstica
- Grupos de Apoio Mútuo
- Conselheiro/Terapeuta
- Polícia
- Outro, por favor especifique: _____

18) Caso não tenha contado a ninguém acerca do abuso, pode explicar porque não o fez?

19) Alguma vez sofreu algum tipo de abuso após a relação terminar?

- Sim
- Não

20) Se sim, que tipos de abuso experienciou?

- Assédio Persistente
- Chamadas telefónicas abusivas
- Outro, por favor especifique: _____

21) **As suas experiências de abuso.** Abaixo está uma lista de comportamentos abusivos, por favor leia a lista abaixo e escreva na coluna o número de vezes que experienciou esse ato abusivo, quer no atual relacionamento ou num relacionamento anterior. Caso nunca tenha experienciado nenhum ato em particular, por favor deixe as colunas em branco.

	No relacionamento atual	Num relacionamento anterior
Bater		
Dar murros		
Atirar objetos		
Dar pontapés		
Empurrar		
Dar uma chapada		
Sufocar		

	No relacionamento atual	Num relacionamento anterior
Ameaçar com violência física		
Atingir com objetos		
Cortar com um objeto afiado		
Forçar a ter relações sexuais contra a sua vontade		
Forçar a ter relações sexuais sem proteção		
Ameaçar contagiar com o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV)		
Criticar/ridicularizar a sua performance sexual		
Dizer que não terá nada caso a relação termine		
Ameaçar que o(a) mata caso termine a relação		
Ameaçar que comete suicídio		
Criticar		
Intimidar		
Humilhar		
Rebaixar		
Dizer palavrões direcionados a si		
Injuriar		
Insultar		
Acusar de infidelidade		
Culpá-lo(a) da relação abusiva		
Vigia-lo(a) constantemente		
Culpá-lo(a) pelo seu próprio comportamento abusivo		
Dizer que mais ninguém o(a) quererá		
Trancá-lo(a) no quarto ou em casa		
Trancá-lo(a) fora de casa		
Tentar que deixe de ver ou falar com amigos e/ou familiares		
Restringir o acesso às contas/finanças		
Roubar o seu dinheiro		
Contrair-lhe dívidas		
Danificar a sua propriedade		
Estragar coisas em casa		
Partir as suas coisas		
Ameaçar expor a sua sexualidade à família/amigos/colegas de trabalho		
Outro, por favor especifique		

22) Com que frequência o(a) seu(a) parceiro(a) é/foi abusivo para consigo?

- Diariamente
- Mais de duas vezes por semana
- Uma vez por semana
- Mais de duas vezes por mês
- Uma vez por mês
- Menos de uma vez por mês

23) Alguma vez se tornou/torna abusivo em retaliação devido ao abuso do seu(a) parceiro(a)?

Sim

Não

24) Quando o(a) seu(a) parceiro(a) se torna/tornou abusivo, como reage/reagiu?

25) Como o (a) seu(a) parceiro(a) reage após ter sido abusivo para consigo?

Desculpa-se Torna-se muito carinhoso e atencioso

Promete que não torna a acontecer Expressa culpa/vergonha/desculpa

Promete que muda Culpa-o(a) do abuso

Outro, por favor especifique: _____

26) Alguma vez sofreu algum ferimento/consequência como resultado do abuso do(a) seu(a) parceiro(a)?

Sim

Não

27) Se sim, que ferimentos/consequências foi vítima como resultado do abuso?

Arranhões Dificuldade em respirar/desmaios

Hematomas Ficar inconsciente

Nariz/lábios a sangrar Ferimentos na cabeça

Olhos negros/outras hematomas faciais Sérios cortes ou feridas

Dentes partidos Cicatrizes

Braços/pernas/costelas partidas Infetar com HIV

Nariz/mandíbula/maxilar partido Infetar com outras DST

Queimaduras

Outros ferimentos físicos, por favor especifique: _____

28) Recebeu tratamento médico em virtude de algum ferimento físico que tenha sido vítima?

Sim Se sim, quantas vezes? _____

Não

29) Informou os profissionais de saúde sobre a causa dos ferimentos?

Sim Por favor siga para a questão 29

Não Por favor siga para a questão 30

30) Se sim, consegue descrever a reação dos profissionais de saúde?

31) Se não, porquê?

- | | | | |
|-------------------------------|--------------------------|----------------------------------|--------------------------|
| Sentir vergonha/embaraçado | <input type="checkbox"/> | Medo da reação do(a) parceiro(a) | <input type="checkbox"/> |
| Não acho que entenderiam | <input type="checkbox"/> | Não acho que iria ajudar | <input type="checkbox"/> |
| Medo de uma reação homofóbica | <input type="checkbox"/> | Pensei que não iriam acreditar | <input type="checkbox"/> |

Outro, por favor especifique: _____

32) A polícia alguma vez se envolveu como resultado da violência do(a) parceiro(a)?

Sim

Não

33) Se sim, como reagiu a polícia à situação?

34) Já experienciou algum dos seguintes problemas como resultado do comportamento abusivo do seu(a) parceiro(a)?

- | | |
|---------------------------------|--------------------------|
| Forçado a desistir do emprego | <input type="checkbox"/> |
| Forçado a desistir da habitação | <input type="checkbox"/> |
| Perder contacto com amigos | <input type="checkbox"/> |
| Perder contacto com a família | <input type="checkbox"/> |
| Tornar-se dependente de drogas | <input type="checkbox"/> |
| Tornar-se dependente de álcool | <input type="checkbox"/> |

Outro, por favor especifique: _____

35) Já recorreu a algum serviço de suporte/grupo/linhas de apoio?

Sim

Não

36) Se sim, que serviço? _____

37) Se não, porquê?

- | | |
|---|--------------------------|
| Não acreditei que a minha situação seria grave | <input type="checkbox"/> |
| Não tenho conhecimento que tais serviços existem | <input type="checkbox"/> |
| Não sei onde se encontram estes serviços | <input type="checkbox"/> |
| Não acredito que eles compreendam os meus problemas | <input type="checkbox"/> |
| Medo que o(a) parceiro(a) descubra | <input type="checkbox"/> |
| Medo de uma reação preconceituosa | <input type="checkbox"/> |

Outro, por favor especifique: _____

38) **Abuso cometidos contra o(a) seu(a) parceiro(a)**, por favor leia a lista abaixo e escreva numa ou em ambas as colunas, o número de vezes que cometeu esse ato contra o(a) seu(a) parceiro(a), quer no atual relacionamento ou num relacionamento anterior. Caso nunca tenha cometido nenhum ato em particular, por favor deixe as colunas em branco.

	No relacionamento atual	Num relacionamento anterior
Bater		
Dar murros		
Atirar objetos		
Dar pontapés		
Empurrar		
Dar uma chapada		
Sufocar		
Ameaçar com violência física		
Atingir com objetos		
Cortar com um objeto afiado		
Forçar a ter relações sexuais contra a sua vontade		
Forçar a ter relações sexuais sem proteção		
Ameaçar contagiar com o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV)		
Criticar/ridicularizar a sua performance sexual		
Dizer que não terá nada caso a relação termine		
Ameaçar que o(a) mata caso termine a relação		
Ameaçar que comete suicídio		
Criticar		
Intimidar		
Humilhar		
Rebaixar		
Dizer palavrões direcionados a si		
Injuriar		
Insultar		
Acusar de infidelidade		
Culpá-lo(a) da relação abusiva		
Culpá-lo(a) pelo seu próprio comportamento abusivo		
Vigia-lo(a) constantemente		
Dizer que mais ninguém o(a) quererá		
Trancá-lo(a) no quarto ou em casa		
Trancá-lo(a) fora de casa		
Tentar que o(a) parceiro(a) deixe de ver ou falar com amigos e/ou familiares		
Restringir o acesso às contas/finanças		
Roubar o seu dinheiro		
Contrair-lhe dívidas		
Danificar a sua propriedade		
Estragar coisas em casa		
Partir as suas coisas		
Ameaçar expor a sua sexualidade à família/amigos/colegas de trabalho		
Outro, por favor especifique		

39) Com que frequência é abusivo para com o(a) parceiro(a)

- Diariamente
- Duas vezes por semana
- Uma vez por semana
- Duas vezes por mês
- Uma vez por mês
- Menos de uma vez por mês

40) Consegue/pode explicar as razões porque é/foi abusivo com o(a) seu(a) parceiro(a)?

41) Consegue/pode descrever as circunstâncias que levaram a que fosse abusivo com o(a) seu(a) parceiro(a)?

42) Consome/consumiu álcool antes de ser abusivo?

- Sim
- Não

43) Consome/consumiu drogas antes de ser abusivo?

- Sim
- Não

44) O(a) seu(a) parceiro(a) já sofreu ferimentos/consequências como resultado do seu comportamento abusivo?

- Sim
- Não

45) Se sim, que ferimentos/consequências foi vítima como resultado do abuso?

- | | | | |
|---------------------------------------|--------------------------|----------------------------------|--------------------------|
| Arranhões | <input type="checkbox"/> | Dificuldade em respirar/desmaios | <input type="checkbox"/> |
| Hematomas | <input type="checkbox"/> | Ficar inconsciente | <input type="checkbox"/> |
| Nariz/lábios a sangrar | <input type="checkbox"/> | Ferimentos na cabeça | <input type="checkbox"/> |
| Olhos negros/outras hematomas faciais | <input type="checkbox"/> | Sérios cortes ou feridas | <input type="checkbox"/> |
| Dentes partidos | <input type="checkbox"/> | Cicatrizes | <input type="checkbox"/> |
| Braços/pernas/costelas partidas | <input type="checkbox"/> | Infetar com HIV | <input type="checkbox"/> |
| Nariz/mandíbula/maxilar partido | <input type="checkbox"/> | Infetar com outras DST | <input type="checkbox"/> |
| Queimaduras | <input type="checkbox"/> | | |

Outros ferimentos físicos, por favor especifique: _____

46) Explique como se sente/sentiu após ter sido violento com o(a) seu(a) parceiro(a).

47) Já alguma vez experienciou algum dos seguintes problemas como resultado do comportamento abusivo?

- Forçado a desistir do emprego
- Forçado a desistir da habitação
- Perder contacto com amigos
- Perder contacto com a família
- Tornar-se dependente de drogas
- Tornar-se dependente de álcool
- Outro, por favor especifique: _____

48) Já alguma vez falou com alguém acerca do seu comportamento abusivo?

- Sim
- Não

49) Se sim, com quem falou?

- | | | | |
|-----------------------------|--------------------------|-------------------------------------|--------------------------|
| Amigos | <input type="checkbox"/> | Linha de violência doméstica | <input type="checkbox"/> |
| Membros da família | <input type="checkbox"/> | Grupos de Apoio Mútuo | <input type="checkbox"/> |
| Colega de trabalho | <input type="checkbox"/> | Conselheiro/Terapeuta | <input type="checkbox"/> |
| Médico de família | <input type="checkbox"/> | Polícia | <input type="checkbox"/> |
| Outro profissional de saúde | <input type="checkbox"/> | Outro, por favor especifique: _____ | |

50) Alguma vez procurou ajuda profissional para o seu comportamento abusivo?

- Sim
- Não

Se sim, a quem recorreu? _____

51) Se não, porque razão?

- Penso que não compreenderão os meus problemas
- Preocupado que não aceitem a minha sexualidade
- Não sei onde me dirigir
- Preocupado que me possam julgar
- Outro, por favor especifique: _____

Obrigado pela sua Colaboração!